



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS
MBA EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS



LUIZ ANTONIO VIANA CARAPETO

**ILHAS ARTIFICIAIS NO MAR DO SUL DA CHINA COMO PARTE DA
ESTRATÉGIA MILITAR DE DEFESA CHINESA**

Niterói
2023

LUIZ ANTONIO VIANA CARAPETO

**ILHAS ARTIFICIAIS NO MAR DO SUL DA CHINA COMO PARTE DA
ESTRATÉGIA MILITAR DE DEFESA CHINESA**

Trabalho de conclusão de curso de MBA apresentado ao Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense com parceria ao Centro de Instrução Sylvio de Camargo (Marinha do Brasil) como requisito parcial para a obtenção do título de MBA em Relações Internacionais.

Niterói
2023

**Folha de Aprovação de Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais
(Monografia)**

Título do Trabalho: Ilhas artificiais do Mar do Sul da China como parte da estratégia militar de defesa chinesa

Aluno: Luiz Antonio Viana Carapeto

Avaliadores

Avaliador 01: Bruno Pessoa Villela

Avaliador 02:

Notas dos Avaliadores	
Nota 1	
Nota 2	

RESUMO

A China tem experimentado crescimentos econômicos impressionantes nas últimas décadas, de modo que seu potencial econômico não é novidade para o mundo, sendo o maior parceiro comercial de vários países, entre eles o Brasil. Contudo, as capacidades militares e suas intenções, pautadas na estratégia de defesa nacional, ainda são bastante desconhecidas. Desde a revolução de 1949, o governo de Pequim apresentou várias estratégias diferentes, cada uma delas voltadas para proteger a China contra ameaças externas iminentes, seja pela URSS ou pelos EUA, ou internas, por opositores políticos do governo. Mais recentemente, contudo, a China tem vivido momentos de maior estabilidade política e um grau de ameaça externa muito menor do que no passado. Ainda assim, o país defende a ideia de uma estratégia centrada na defensiva, chamada de defesa ativa, em que o país se prepara para a autodefesa de sua soberania de forma contundente contra qualquer agressão externa. Nesse sentido, uma área que cresce em importância é o Mar do Sul da China, que tem grande influência sobre todo o comércio mundial e ameaça tanto a economia mundial quanto a estabilidade chinesa em caso de conflito. Assim, o estudo aqui realizado visa contextualizar a estratégia de defesa da China sobre essa região do oceano Pacífico, permitindo entender a estratégia A2/AD (Acesso e Negação de Área) utilizada pelos chineses, buscando impedir o acesso à região com a construção de instalações militares por todo o MSC. Neste cenário é que as Ilhas Artificiais estão inseridas, que com seus objetivos de ocupação e pleito de soberania somados às instalações militares proporcionam pontos de controle ao longo de todo o mar, materializando os interesses de soberania, econômicos e de estratégias militares.

Palavras-chave: China; Mar do Sul da China; Estratégia de Defesa; Ilhas Artificiais

ABSTRACT

China has experienced impressive economic growth in recent decades, to the extent that its economic potential is no longer a surprise to the world, being the largest trading partner of several countries, including Brazil. However, its military capabilities and intentions, guided by national defense strategy, still remain largely unknown. Since the 1949 revolution, the Beijing government has presented various different strategies, each aimed at protecting China against imminent external threats, whether from the USSR or the USA, as well as internal threats from political opponents of the government. More recently, however, China has experienced periods of greater political stability and a much lower degree of external threat compared to the past. Nevertheless, the country advocates a defensive-centered strategy called active defense, in which it prepares for resolute self-defense of its sovereignty against any external aggression. In this regard, an area of growing importance is the South China Sea, which wields significant influence over global trade and threatens both the global economy and Chinese stability in the event of conflict. Therefore, the study conducted here aims to contextualize China's defense strategy in this region of the Pacific Ocean, allowing for an understanding of the A2/AD (Anti-Access and Area Denial) strategy employed by the Chinese, seeking to prevent access to the region through the construction of military installations throughout the South China Sea. It is within this scenario that the Artificial Islands are situated, serving as points of control across the entire sea, materializing sovereignty, economic, and military strategy interests.

Key-Words: China; South China Sea; Defense Strategy; Artificial Island

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Reivindicação de soberania marítima pela Chinesa.....	13
Figura 2- Volume diário de transporte de óleo em 2017	17
Figura 3- A primeira e segunda cadeia de ilhas.....	21
Figura 4 - Comparação da frota naval americana e chinesa em número de meios.....	22
Figura 5- Ilhas Paracel	24
Figura 6 - Ilhas Spratly	25
Figura 7 - Recife de Fiery Cross.....	25
Figura 8 - Alcance de aeronaves de ataque e radares chineses instalados no MSC	34
Figura 9 - Ilhas Paracel	37
Figura 10 - Evolução de West Sand (2012 e 2017)	38
Figura 11 - Ilha Zhaoshu em 2022 (esquerda) e 2012 (direita)	39
Figura 12 - Ilha Woody em 2022 (esquerda) e 2012 (direita)	39
Figura 13 - Equipamentos militares em Woody Island em 2016.....	40
Figura 14- Evolução das Ilhas Duncan (acima) e Money (abaixo)	41
Figura 15- Evolução das construções em Fiery Cross entre 2014 e 2015.....	42
Figura 16- Instalações Militares em Fiery Cross	43
Figura 17 - Pontos de Controle chinês no MSC.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1. O MAR DO SUL DA CHINA	11
1.1 Aspectos Geográficos e Características Particulares da Região	12
1.2 Disputas de Soberania e Limites Marítimos	14
1.3 Potenciais Econômicos e Militares	16
1.4 Questões Estratégicas	20
1.5 Ilhas Artificiais do MSC	23
CAPÍTULO 2. A ESTRATÉGIA MILITAR DE DEFESA CHINESA APLICADA NO MSC	26
2.1 Evolução da Estratégia de Defesa Chinesa	26
2.2 A Estratégia Militar Chinesa Atual sob a Perspectiva Marítima	29
2.3 Estratégia Chinesa Vigente no MSC	32
CAPÍTULO 3. AS ILHAS ARTIFICIAIS DO MSC: PROJEÇÃO NAVAL DO PODER MILITAR CHINÊS	36
3.1 Capacidade de Projeção de Poder Através das Ilhas	37
3.2 O Papel das Ilhas na Atual Estratégia Chinesa	44
3.3 Implicações da Militarização na Região	46
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

O Mar do Sul da China (MSC), também conhecido como Mar do Leste no Vietnã e Mar do Oeste nas Filipinas, é o segundo maior mar marginal do mundo. Semifechado e compoendo parte do Oceano Pacífico, é delimitado pela China e Taiwan ao Norte, pelas Filipinas ao Leste, pelo Vietnã a Oeste e por Brunei, Indonésia e Malásia ao Sul.

Esta região abriga milhares de ilhas, atóis, bancos de areia e recifes, em sua maioria pequenos e desabitados, que são objetos de disputas entre os países da região. Seu domínio possibilita a capacidade de projeção naval desses países, bem como permite a exploração dos recursos naturais de suas Zonas Econômicas Exclusivas (ZEE), evidenciando interesses tanto estratégicos de cunho militar quanto interesses econômicos.

Dada a conformação geográfica da área, semifechada, com estreitos delimitando suas entradas e saídas, como o estreito de Malaca ao Sul e o estreito de Taiwan ao Norte, dominar esta região oferece, não apenas controle territorial e marítimo e acesso aos recursos naturais das ZEE, mas também um controle estratégico sobre o comércio mundial. A região abrange algumas das principais rotas comerciais do mundo com quase um terço do trânsito de petróleo bruto global e mais da metade das rotas de gás natural liquefeito. Assim, a relevância do MSC vai além de um contexto regional, influenciando diretamente a economia global.

As disputas por soberania no MSC são antigas, datando do início das navegações na região, há cerca de dois mil anos. Várias nações já reivindicaram domínio sobre partes desta área, tornando complexa a definição de soberania sobre as ilhas do ponto de vista histórico. Como resultado, os limites territoriais entre Malásia, Vietnã, Brunei, Filipinas e China são constantemente debatidos. Cada um destes países alega direitos sobre diferentes porções do MSC.

Com o surgimento da China como uma potência econômica e militar, a questão da soberania no MSC tem recebido crescente atenção global. De acordo com Fravel (2011), nenhuma disputa marítima internacional tem sido mais debatida do que a referente às Ilhas, recifes e as águas do Mar do Sul da China.

Sem um consenso sobre os limites geográficos e face às disputas por seu domínio, observou-se uma militarização da região, principalmente por parte da China, mediante construção de bases militares em ilhas e contestação do uso do mar por outros países. A China

reivindica cerca de 90% da região como sendo de sua soberania¹, baseando-se na chamada *Nine Dash Line*², o que tem levado a episódios de embates com nações vizinhas. Estas alegam que tal demarcação está em desacordo com a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (UNCLOS)³. Além disso, há interesse Ocidental, especialmente dos EUA, que considera a região estratégica desde a Segunda Guerra Mundial.

A ascensão da China no cenário global, marcada por seu impressionante crescimento econômico, a consolidou como uma das principais potências mundiais. Ocupando agora a posição de segunda maior economia do planeta, a China estabeleceu-se como parceiro comercial fundamental para vários países, entre eles o Brasil.

Entretanto, sua emergência como potência militar é, em muitos aspectos, pouco compreendida. Devido à postura reservada com que a China aborda sua doutrina militar, suas capacidades técnicas e objetivos de defesa, há pouca compreensão mundial sobre seus planos estratégicos. Assim, analisar a defesa chinesa torna-se crucial para discernir futuros cenários na geopolítica mundial.

As ilhas artificiais no MSC integram parte dessa estratégia militar chinesa. Equipadas com instalações militares, como portos, aeroportos, zonas de pouso e infraestrutura logística, elas reforçam os interesses de defesa da China. Estes incluem: comando sobre o MSC, capacidade de responder a incursões anfíbias em seu território originadas daquela área, uma barreira defensiva avançada no Oceano Pacífico, e monitoramento e gestão do tráfego marítimo internacional no MSC.

O estudo torna-se relevante também para o Brasil, pois um conflito no MSC pode acarretar consequências significativas para o país em diversos aspectos. Se, por um lado, a China é um dos principais fornecedores de insumos e matérias-primas para a indústria brasileira, por outro, representa o principal destino das exportações brasileiras. A nação asiática absorve uma parcela expressiva dos produtos brasileiros, que englobam itens agrícolas, minerais e manufaturados. Uma perturbação nas relações comerciais com a China, decorrente de um conflito no MSC, poderia resultar em uma redução das exportações brasileiras, impactando diretamente a balança comercial e a economia do país. Portanto, a importância do

¹ STRATING, B. China's nine-dash line proves stranger than fiction. **The Interpreter**, 12 Abr. 2022. Disponível em: "<<https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/china-s-nine-dash-line-proves-stranger-fiction>>. Acesso em: 7 Ago. 2023.

² Nine-Dash Line refere-se à representação cartográfica usada pela China para reivindicar a maior parte do Mar do Sul da China. O nome remete ao fato de ser composta por nove segmentos de linhas tracejadas.

³ UNCLOS - ONU. CONVENÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O DIREITO DO MAR, (1982). Disponível em: "<https://www.un.org/depts/los/convention_agreements/texts/unclos/unclos_e.pdf>". Acesso em: 8 Ago. 2023

estudo do MSC permite a compreensão de uma dimensão crucial do nosso comércio internacional e de uma parte expressiva de nossa economia.

Nesse contexto, o objetivo central deste trabalho é realizar uma análise minuciosa do Mar do Sul da China, com ênfase na estratégia chinesa na região, em particular, no papel fundamental das ilhas artificiais. Almeja-se, assim, entender como essas ilhas se configuram como ferramentas estratégicas para a China alcançar seus propósitos militares.

Para alcançar este objetivo, conduziu-se uma pesquisa exploratória, recorrendo a livros, artigos científicos e documentos oficiais. Devido à escassez de informações diretamente da China, também se recorreu a pronunciamentos de autoridades chinesas e a dados de defesa estimados por especialistas e outros governos, a fim de compreender o papel estratégico das ilhas artificiais.

Dessa maneira, no primeiro capítulo, procura-se apresentar ao leitor o contexto do Mar do Sul da China. A intenção é desvendar a configuração da região, entender o que torna o MSC único e assimilar as atuais disputas por soberania e os limites marítimos defendidos por cada nação. Em seguida, destacam-se os potenciais econômicos e militares da região, concluindo com as questões estratégicas mais importantes.

No segundo capítulo, a partir das questões estratégicas introduzidas anteriormente, aprofunda-se acerca da estratégia militar de defesa da China aplicada sobre o MSC. O objetivo é compreender como essa estratégia evoluiu, originando-se de uma abordagem predominantemente interna, passando pelo conceito de defesa ativa e destacando a estratégia militar vigente e o papel do MSC nesta estratégia.

Finalmente, o terceiro capítulo, com base nos capítulos anteriores, busca vincular a construção das Ilhas Artificiais com os conceitos anteriores, elucidando os motivos de sua criação, os propósitos chineses, as potencialidades de projeção naval e de defesa costeira. O capítulo conclui com reflexões sobre a possibilidade e os impactos que um conflito na região poderia impor ao mundo.

Ao longo deste trabalho, torna-se evidente o profundo interesse da China na região do Mar do Sul da China (MSC), que se configura como um dos pilares centrais de sua estratégia militar. Por meio do contínuo desenvolvimento econômico experimentado ao longo dos últimos anos, o país pôde aprimorar significativamente suas Forças Armadas, adotando novos equipamentos e doutrinas que lhe conferem um papel de destaque na geopolítica global.

As ilhas artificiais representam uma transformação marcante na postura da China. Elas simbolizam a transição de um país que, historicamente, se concentrava principalmente em questões internas e na segurança nacional, para uma nação que passa a expandir seu alcance

econômico e influência por meio de estratégias tanto comerciais quanto militares, ampliando sua presença para além de suas fronteiras. Esse movimento permite à China assegurar áreas estratégicas e garantir a estabilidade e continuidade de suas essenciais rotas comerciais.

Estas ilhas são, como será demonstrado, uma parte importante da estratégia militar chinesa de garantia e proteção de suas rotas de comércio no Pacífico. Ela está associada à estratégia do "colar de pérolas" no Oceano Índico, à "Nova Rota da Seda" - um projeto de infraestrutura que busca interconectar grande parte da Ásia, Europa, e África com a China - e aos investimentos em infraestrutura em países da América Latina e da África. Para além da dimensão logística, a construção das ilhas artificiais oferece um novo meio de proteção ao território nacional chinês e também serve para garantir a exploração desta região. Estas ilhas, distantes do litoral, proporcionam a capacidade de estabelecer uma defesa avançada, criando uma possível linha de contato com adversários para além das regiões interiores e litorâneas da China.

CAPÍTULO 1. O MAR DO SUL DA CHINA

O Mar do Sul da China (em mandarim, *HanHai*) é também conhecido como Mar da China Meridional ou, pelos filipinos, Mar das Filipinas, e pelos vietnamitas como Mar do Vietnã. Ele se localiza entre o continente asiático e o arquipélago malaio, no sudeste asiático. Limita-se com a China e Taiwan ao norte, Vietnã a oeste, Filipinas a leste, e ao sul com Brunei, Malásia e Indonésia.

A região apresenta-se como um mar semifechado com acessos principais pelo estreito de Málaca ao sul e de Taiwan ao norte. Em outras palavras, é uma área marítima estrangulada por estreitos e circundada por arquipélagos.

A importância inerente do MSC para os países circundantes é evidente, seja para o transporte marítimo e pela exploração de seus recursos naturais ou pelo controle do trânsito em suas águas. No entanto, o MSC tem um significado preponderante também para o mundo.

Esta região é um importante ponto de passagem das principais rotas de comércio marítimo mundial, responsável por um grande fluxo do comércio de petróleo e gás, além de um volume significativo de trânsito de mercadorias por vias marítimas, configurando-se como uma rota vital para as importações e exportações asiáticas, configurando-se como origem ou destino de grande parcela do comércio global.

Com a intenção de proporcionar uma visão ampla desta área e, simultaneamente, permitir um exame detalhado da estratégia de defesa da China, enfatizando o papel das ilhas artificiais por ela edificadas, este capítulo está organizado da seguinte maneira:

- Aspectos geográfico e características do MSC: Será apresentada uma descrição das características geográficas, políticas e econômicas do Mar do Sul da China (MSC) para contextualizar o cenário estratégico.
- Disputas de soberania e limites marítimos: Será explorado o entendimento da ONU sobre os limites marítimos na região, bem como as reivindicações de soberania de cada nação litorânea, incluindo análise das zonas contestadas e das posturas nacionais.
- Potencialidades econômicas e militares: Abordaremos os aspectos econômicos e militares do MSC, sublinhando sua importância quanto a recursos, comércio e aspectos estratégicos de segurança.
- Questões estratégicas: Analisaremos a capacidade estratégica que a China possui na região, incluindo suas forças militares, presença naval e influência geopolítica.

- Ilhas artificiais do MSC: Por fim, será realizado um exame sobre a configuração e posicionamento das ilhas artificiais erguidas pela China, explorando como tais instalações fortalecem sua estratégia no MSC.

Através desta estruturação, este capítulo busca fornecer uma fundação robusta para uma investigação mais minuciosa da dinâmica multifacetada que compreende o Mar do Sul da China e a tática defensiva chinesa no local.

1.1 Aspectos Geográficos e Características Particulares da Região

O Mar do Sul da China abrange uma área preenchida por uma complexa rede de ilhas, atóis e recifes. A região é composta por mais de 15 mil ilhas, atóis, cais, bancos de areia, recifes e baixios. A grande maioria é desocupada com pequenas dimensões físicas e, frequentemente, encontram-se submersas, seja permanentemente ou durante a maré alta (Aguilar; Fakhoury, 2019).

Para este estudo, ganham destaque dois arquipélagos na região: Spratly e Paracel, bem como o Coral Scarborough, que são os principais focos de disputa de soberania. Conforme se evidencia na Figura 1, as Ilhas Paracel situam-se entre o Vietnã e a China, enquanto as Ilhas Spratly estão na parte centro-sul do MSC, mais próximas das Filipinas e Malásia.

As Ilhas Paracel (em mandarim *Xisha Qundao*) formam um arquipélago de 130 pequenas ilhas, bancos de areia e recifes, abrangendo 8km² e abrigando uma população aproximada de 1440 pessoas. Destas, a maioria – cerca de 1000 indivíduos - reside na Ilha Woody, a maior deste arquipélago.⁴

Embora o Vietnã reivindique a soberania deste conjunto de ilhas, a China tem controle sobre a região. Portanto, ainda que não haja consenso sobre a soberania do arquipélago, a disputa ocorre apenas entre esses dois países.

Por outro lado, as Ilhas Spratly (em mandarim *Nansha Qundao*), são objeto de reivindicação por parte da China, Malásia, Vietnã e Filipinas, configurando-se como a principal fonte de instabilidade na região do Mar do Sul da China. Brunei também reivindica direitos na área, por estar em sua zona econômica exclusiva, mas não faz reivindicações territoriais de ilhas objetivamente.

⁴ CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). Paracel Islands. World Factbook. Washington, 05 Set. 2023. Disponível em: < <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/paracel-islands/>>. Acesso em: 12 Set. 2023.

Este Arquipélago consiste em mais de 100 ilhas, recifes e bancos de areia numa região rica em pesca, com uma área menor que 5km². Deste conjunto, 45 ilhas são ocupadas por Malásia, Filipinas, Taiwan, Vietnã e China. A região, desprovida de população residente, conta apenas com militares em serviço e algumas estruturas. De acordo com estimativas, são 6 aeroportos pavimentados, 2 não pavimentados, 5 heliportos e ancoradouros.⁵

A maior estrutura natural do arquipélago, a Ilha Taiping (também conhecida como Ilha Itu Aba) é ocupada por Taiwan. Em 2016, em decisão da Corte Permanente de Arbitragem, Taiping foi classificada como uma rocha, e não como uma ilha. Em outras palavras, a principal formação geológica deste arquipélago não preenche os critérios para ser classificada como um território capaz de sustentar vida humana e fornecer água potável⁶, conforme estabelecido pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (UNCLOS).

Figura 1 - Reivindicação de soberania marítima pela China



Fonte: Júnior, 2019

Apesar da configuração topográfica da região dificultar a navegação e a entrada na área para navios de grandes dimensões, aproximadamente metade da tonelagem mundial passa pela região, além de 90% dos bens transportados por navio e de dois terços do suprimento de gás natural líquido consumido no mundo utilizam essa rota. (Lima, 2018).

⁵ CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). Spratly Islands. World Factbook. Washington, 05 Set. 2023. Disponível em: < <https://www.cia.gov/the-world-factbook/about/archives/2021/countries/spratly-islands/>>. Acesso em: 12 Set. 2023.

⁶ Tiezzi S. Taiwan: South China Sea Ruling 'Completely Unacceptable'. 13 Jul 2023. Disponível em: < <https://thediplomat.com/2016/07/taiwan-south-china-sea-ruling-completely-unacceptable/>>. Acesso em: 12 Set. 2023.

1.2 Disputas de Soberania e Limites Marítimos

As disputas pela soberania das ilhas, tanto nas Ilhas Paracel quanto nas Ilhas Spratly, têm uma razão de ser: a reivindicação do direito das 200 milhas náuticas de ZEE a partir da costa de uma ilha ou conjunto de ilhas considerado como parte de seu território (BECKMAN, 2014). A partir de 1973, tais disputas se tornaram mais acirradas, precisamente porque antes os Estados não possuíam este direito estabelecido (LIMA, 2018).

Dentre os Estados envolvidos nas controvérsias de soberania, a China é a que reivindica maior extensão da região, abarcando cerca de 90% do Mar do Sul da China. Para isso, baseia-se num traçado conhecido como Nine Dash Line, ilustrado na Figura 1, que delimita, conforme a interpretação chinesa, seus limites marítimos. Este conjunto de nove linhas em formato de “U” correspondem à porção do MSC que a China afirma ser de sua jurisdição, englobando as Ilhas Paracel, Spratly e o conjunto de Scarborough. Ela fundamenta isso com base em registros históricos de pescadores e na ocupação militar de algumas dessas ilhas no passado. (FAKHOURY, 2019)

O Vietnã, por sua vez, defende que partes das Ilhas Paracel e Spratly devem ser consideradas como parte de sua ZEE. O país sustenta que, desde o século XVII, homens e embarcações nacionais utilizavam estas ilhas como componente crucial de sua economia e da indústria pesqueira. (FAKHOURY, 2019).

As Filipinas defendem uma expansão de sua ZEE conforme definido pela UNCLOS, visando potencializar sua indústria pesqueira, pilar significativo de sua economia. Neste contexto, são frequentes os embates entre navios de patrulha chineses e barcos pesqueiros filipinos no MSC. As autoridades chinesas alegam que os pescadores filipinos invadem sua ZEE, o que inclui a área do conjunto de Scarborough, situada próxima à costa filipina e dentro das 200 milhas náuticas estabelecidas a partir da costa deste país.

A Malásia, por sua vez, defende a ZEE de acordo com o estabelecido pela UNCLOS, mas reivindica algumas ilhas do arquipélago de Spratly. (LIMA, 2018)

Por último, Brunei e Indonésia postulam direitos conforme determinado pela UNCLOS, dirigindo suas preocupações ao traçado da Nine Dash Line chinês e ao pleito dos demais países que afetem suas ZEE. Nesse sentido, Brunei pleiteia o atol Louisa, enquanto a Indonésia reivindica as Ilhas Natuna, ricas em campos de gás. (LIMA, 2018)

Embora a China tenha ratificado a UNCLOS, nota-se que o país adota uma estratégia de postergar a resolução das controvérsias, visando minar as reivindicações dos demais países. Fravel (2011) define esta situação da seguinte forma:

“Desde meados dos anos 1990, a China tem perseguido uma estratégia de atrasar resoluções para a disputa. O objetivo desta estratégia é consolidar as alegações Chinesas, especialmente os direitos marítimos ou jurisdições sobre as águas, e deter outros Estados de fortalecerem suas alegações às custas da China, incluindo projeto de desenvolvimento de recursos que excluam a China. Desde meados de 2000 o ritmo dos esforços chineses para consolidar suas alegações e deter a de outros têm crescido através de meios diplomático, administrativos e militares”⁷ (FRAVEL, 2011 p.293)

O crescimento dos esforços chineses por meios militares, observado no trecho acima, tem se intensificado nos últimos anos. Assim, as ações militares no Mar do Sul da China têm sido marcadas por uma escalada de tensões entre a China e outros países da região, tais como Vietnã, Malásia, Brunei e, especialmente, Filipinas. A China tem construído bases militares a partir de várias ilhas no Mar do Sul da China, o que tem sido visto como uma ameaça à liberdade de navegação e à segurança regional. (FAKHOURY, 2019)

A partir de 2001, quando um avião de reconhecimento naval da Marinha dos Estados Unidos se chocou com uma aeronave de interceptação chinesa, as disputas territoriais e marítimas na região têm recebido mais atenção. Neste episódio, um piloto chinês perdeu a vida e a aeronave dos EUA foi forçada a aterrissar em Hainan, onde sua tripulação foi retida e questionada.⁸

Como reação, os Estados Unidos ampliaram sua presença naval no local e promoveram exercícios militares em conjunto com aliados, como Japão, Austrália e Filipinas. Outras nações implicadas nas controvérsias têm estabelecido acordos de colaboração com potências bélicas, como os próprios EUA e o Japão, buscando salvaguardar-se do crescente poderio chinês na região.

A China, em contrapartida, tem assegurado que não medirá esforços para proteger seus territórios nas ilhas Spratly e Paracel, sobretudo se os EUA persistirem em suas operações de “liberdade de navegação” em zonas que Pequim classifica como soberanas. As manobras militares, apesar de proporcionarem uma sensação de segurança imediata aos países engajados

⁷ Do original: “Since the mid-1990s, China has pursued a strategy of delaying the resolution of the dispute. The goal of this strategy is to consolidate China’s claims, especially to maritime rights or jurisdiction over these waters, and to deter other states from strengthening their own claims at China’s expense, including resource development projects that exclude China. Since the mid-2000s, the pace of China’s efforts to consolidate its claim and deter others has increased through diplomatic, administrative and military means.”

⁸ CBS NEWS: 2nd Pilot Blames U.S. Crew For Mishap. 6 Abr. 2001 Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/2nd-pilot-blames-us-crew-for-mishap/>> . Acesso em: 14 Set. 2023.

nas contendas, inserem mais participantes na equação, cada um portando suas próprias ambições, em uma área já fortemente militarizada. (FAKHOURY, 2019)

Adicionalmente, a crescente presença militar no Mar do Sul da China desperta inquietações quanto à iminência de um enfrentamento armado naquela região, o qual poderia gerar impactos severos tanto para a economia mundial quanto para a estabilidade global. A comunidade internacional tem pressionado a China a buscar soluções pacíficas para as disputas territoriais e marítimas na região.

1.3 Potenciais Econômicos e Militares

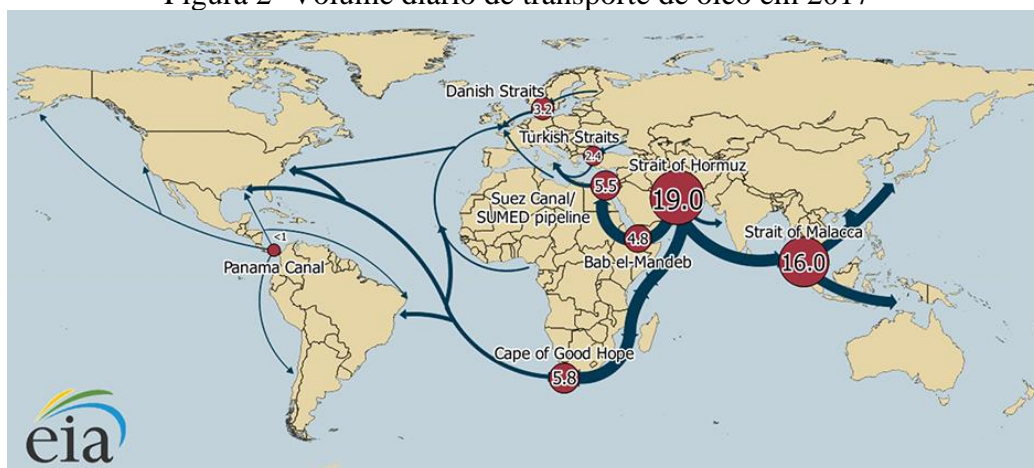
A área do MSC é historicamente significativa tanto para a economia local quanto para o comércio global. Esta região, ao longo dos tempos, consolidou-se como uma das vias marítimas mais movimentadas do planeta, desempenhando papel central nas transações marítimas ao longo dos séculos.

A Rota da Seda Marítima, ligando o Oriente ao Ocidente, era a via para o comércio de uma ampla gama de produtos, desde a seda chinesa até especiarias e tráfico de escravos, evidenciando sua importância atemporal ao comércio global.

De acordo com Aguilar (2019), o Mar do Sul da China figura como uma das mais transitadas rotas comerciais globais, com um estimado de 21% do comércio mundial navegando por suas águas (2016) e aproximadamente US\$ 3,4 trilhões em mercadorias. Uma parcela substancial do petróleo global transita pelo Mar do Sul da China e pelo Golfo da Tailândia todos os dias, compreendendo quase um terço do total global.

Como ilustrado na Figura 2, o estreito de Málaca, porta de entrada para o Mar do Sul da China, tem um tráfego diário de 16 milhões de barris de petróleo, superado apenas pelo Estreito de Ormuz, sublinhando sua atual relevância no comércio petrolífero.

Figura 2- Volume diário de transporte de óleo em 2017



Fonte: U.S. Energy Information Administration⁹

Não apenas o petróleo e gás são importantes na região, o comércio de mercadorias na área também detém um destaque global, sendo ponto de partida e chegada de muitas transações internacionais com oito dos vinte portos mais ativos do mundo.¹⁰

Um estudo conduzido pelo Centro Internacional de Estudos Estratégicos (CSIS) indicou que \$3,37 trilhões em valor do comércio global passaram pelo MSC em 2016. A pesquisa também evidenciou a dependência dos países da região com o fluxo comercial neste mar, concluindo que o Vietnã é o mais dependente, com 86% de seu comércio dependendo do MSC, seguido pela Indonésia com 85%, Tailândia com 74%, Singapura com 66%, Malásia com 58% e China com 39%.¹¹ Esses dados sugerem que a dependência sobre o MSC é substancialmente maior para os países da ASEAN¹² do que para a própria China.

Historicamente, os habitantes da região se voltavam ao mar como vital fonte de alimentos, como a pesca de subsistência, mas também como uma atividade comercial crucial, intercambiando-os por outros produtos agrícolas ou manufaturados.

Hoje em dia, a região ainda considera a pesca uma crucial fonte de subsistência e desenvolvimento. Rodeada por nações em desenvolvimento, totalizando cerca de 270 milhões de habitantes, o setor pesqueiro representa um pilar de desenvolvimento para essas nações

⁹ U.S. Energy Information Administration: WORLD OIL TRANSIT CHOKEPOINTS. 25 Jul. 2017 Disponível em: < https://www.eia.gov/international/analysis/special-topics/World_Oil_Transit_Chokepoints/ > . Acesso em: 14 Set. 2023.

¹⁰ World Shipping Council: THE TOP 50 CONTAINER PORTS. 2021 Disponível em:< <https://www.worldshipping.org/top-50-ports> >. Acesso em: 14 Set 2023

¹¹ CHINA POWER.: How Much Trade Transits the South China Sea?. 2016. Disponível em: < <https://chinapower.csis.org/much-trade-transits-south-china-sea/>>. Acesso em: 18 Set 2023

¹² ASEAN é a Associação de Nações do Sudeste Asiático é uma organização intergovernamental regional que compreende dez países do sudeste asiático, entre eles, todos que reivindicam soberania no MSC, exceto a China

costeiras. A pesca é o principal sustento para milhões dessas pessoas, garantindo segurança alimentar, impulso econômico e empregos (KE, 2022)¹³

Embora a relevância logística da região, remontando à Rota da Seda Marítima, bem como a exploração pesqueira persista até os dias atuais, novas riquezas naturais, previamente desconhecidas, provaram ser de imenso valor.

Rica em petróleo e gás, a exploração de hidrocarbonetos na área tem despertado a atenção global, e novos motivos para disputas de soberania emergem entre os países da região, intensificadas pela busca por exploração desses recursos, em especial pela China, que apresenta uma expressiva demanda e dependência externa na importação de petróleo.

Segundo McGillis (2021), a produção interna de petróleo e gás da China não tem se mostrado suficiente para atender sua demanda em acelerado crescimento, um reflexo direto de seu vertiginoso desenvolvimento econômico. Em 1990, as importações chinesas de petróleo estrangeiro totalizavam 12 milhões de toneladas. Uma década mais tarde, em 2000, esse número saltou para impressionantes 100 milhões de toneladas anuais. Em 2017, a China superou os EUA e se estabeleceu como o principal importador mundial de petróleo bruto.

Apesar dos esforços da China de impulsionar a produção interna, a produção nacional chinesa cresceu somente 38% no período mencionado. Resultando em um cenário em que, em 2021, o petróleo importado atendia a 75% da demanda total da China. Esta dependência externa para suprir suas necessidades energéticas, aliada à urgência em explorar todas as fontes disponíveis de petróleo para ampliar a produção doméstica e assegurar as rotas de navios petroleiros, enfatiza a vital importância econômica da região para a China.

Em dezembro de 2020, o Escritório de Informações do Conselho de Estado da China divulgou a estratégia do país em um artigo nomeado "Energia na Nova Era da China". Este documento traz seções que destacam a necessidade de exploração do petróleo, visando a autossuficiência energética, evidenciando também o Mar do Sul da China como área de interesse nesse contexto:

“A China intensificou esforços para a exploração de recursos de petróleo e gás, visando aumentar as reservas e volumes de produção. A China tem construído sistemas de produção, fornecimento, armazenamento e venda de carvão, eletricidade, petróleo e gás [...]. Elevando o nível de exploração, desenvolvimento e processamento de petróleo. A China intensificou a exploração e desenvolvimento domésticos de

¹³ KE, C. et al.: Fisheries ecological environment in South China Sea. 19 Ago. 2022 Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fenvs.2022.981443/full>> Acesso em: 18 Set 2023

petróleo, avançando nas reformas institucionais relacionadas e promovendo a pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico, bem como a aplicação de novas tecnologias. Intensificou a exploração e desenvolvimento de recursos de baixa qualidade e aumentou as reservas e a produção de petróleo bruto. [...]Focando na região de Xinjiang e na Bacia de Ordos, a China aumentou as reservas e a produção de novos campos de petróleo no oeste do país. Também fortaleceu a exploração e o desenvolvimento de petróleo e gás offshore no Mar de Bohai, no Mar da China Oriental e no Mar do Sul da China, e está avançando na cooperação em águas profundas com outros países.”¹⁴

Considerando as vastas riquezas naturais da região, juntamente com sua importância logística e seu impacto nas economias locais e global, é perfeitamente claro que ela seja priorizada tanto pela China quanto pela ASEAN. Consequentemente, há um fortalecimento da presença militar na área, seja por meio de exercícios militares ou pela instalação de bases na região.

Conforme apontado por Fravel (2011), do ponto de vista militar, a região funciona como uma zona marítima tampão para as províncias do sul da China. Além disso, ela se configuraria como um cenário operacional fundamental em um potencial conflito envolvendo Taiwan e os Estados Unidos. Qualquer estratégia visando bloquear a China em um contexto de guerra provavelmente se concentraria nesses mares.

A China, de acordo com relatório do departamento de defesa dos EUA, demonstra atividade militar recorrente na região:

“Desde o início de 2018, as instalações nas Ilhas Spratly ocupadas pela República Popular da China (RPC) foram equipadas com sistemas avançados de mísseis antinavio e antiaéreos, bem como equipamentos de interferência militar, marcando os sistemas de armas baseados em terra mais capazes implantados por qualquer reivindicante no disputado Mar do Sul da China até o momento. De 2018 a 2021, a RPC utilizou regularmente suas instalações nas Ilhas Spratly para apoiar operações

¹⁴ Da Tradução do China Daily do documento original: “China has intensified efforts for the exploration and exploitation of oil and gas resources, to increase reserve and production volumes. China has been building the production, supply, storage and sales systems for coal, electricity, oil and gas [...].Raising the level of oil exploration, development and processing. China has strengthened domestic oil exploration and development, furthering related institutional reforms and promoting scientific and technological R&D and the application of new technologies. It has intensified the exploration and development of low-grade resources, and increased crude oil reserves and production. [...] Focusing on the Xinjiang region and the Ordos Basin, it has increased the reserves and production of new oilfields in the west of the country. It has also strengthened offshore oil and gas exploration and development in the Bohai Sea, the East China Sea and the South China Sea, and are advancing deepsea cooperation with other countries”. Disponível em: <<http://epaper.chinadaily.com.cn/a/202012/22/WS5fe13de1a31099a234352b71.html>> Acessado em: 18 Set 2023

navais e da guarda costeira no Mar do Sul da China. Em meados de 2021, o Exército de Libertação Popular (PLA) implantou um navio de coleta de inteligência e uma aeronave de vigilância nas Ilhas Spratly durante operações bilaterais entre os Estados Unidos e a Austrália na região.”¹⁵

1.4 Importância Estratégica

Conforme discutido anteriormente, a importância econômica da região e as dependências logísticas que influenciam os países circunvizinhos já nos indica a relevância estratégica da soberania da região para a China e a ASEAN. Contudo, além destas questões econômicas e logísticas, há também uma perspectiva militar importante na qual a Marinha do Exército de Libertação Popular (PLAN) assume uma posição central.

Tal posição, de acordo com o diretor adjunto do Instituto de Pesquisa Estratégica da Universidade Nacional de Defesa do PLAN, Meng Xiangqing, a ameaça da zona marítima tem potencial para afetar a estabilidade regional e a salvaguarda dos objetivos do “Sonho Chinês”¹⁶ (HEATH, 2017).

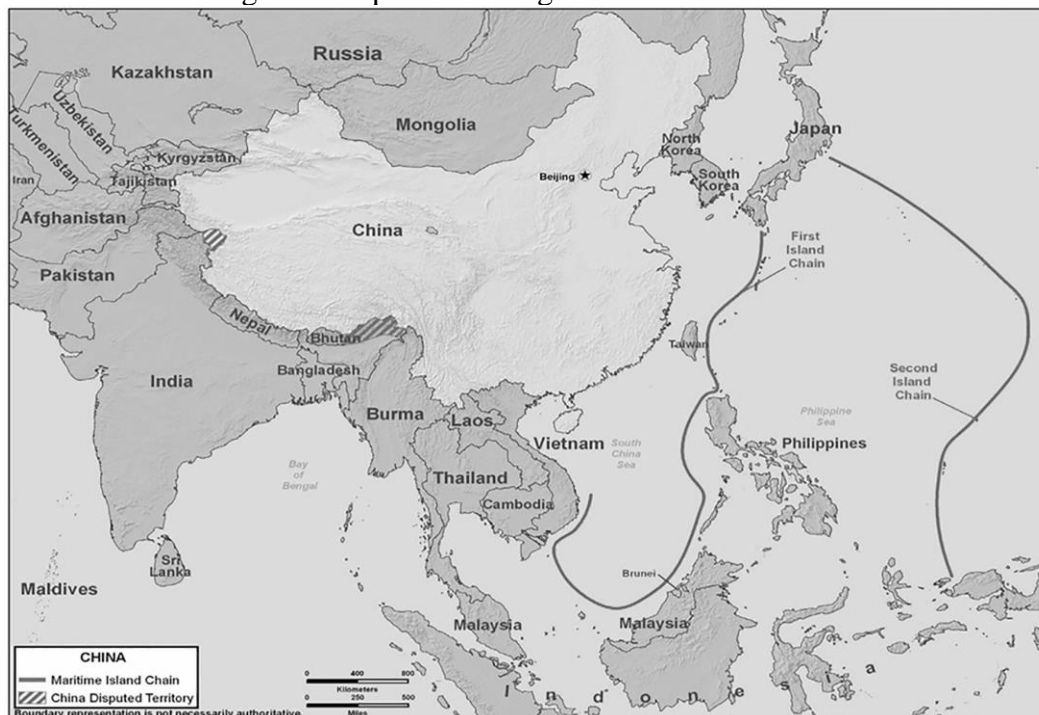
Segundo Hartnett (2014), a proposta de Liu Huaqing, comandante da PLAN de 1982 a 1987, enfatizava a necessidade de alinhar os objetivos nacionais ao desenvolvimento das capacidades marítimas. Huaqing defendeu a transição da estratégia naval chinesa de uma defesa costeira para uma defesa offshore (em mandarim *jinhai fangyu*). Sua visão buscava expandir a atuação da China por meio da PLAN, para além das águas costeiras, alinhando-se assim aos interesses nacionais em relação ao seu presumido território marítimo.

Em sua estratégia, Huaqing segmentou o oceano em três áreas distintas, conforme ilustrado na Figura 3: a primeira área se estende até a cadeia de ilhas mais próxima; a segunda refere-se até a cadeia de ilhas seguintes; e a terceira propõe uma visão global, na qual a PLAN torna-se uma marinha com capacidade de atuação global (HARTNETT, 2014).

¹⁵ Tradução de seguinte trecho do relatório do U.S. Department of Defense: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China: “Since early 2018, PRC-occupied Spratly Islands outposts have been equipped with advanced anti-ship and anti-aircraft missile systems and military jamming equipment, marking the most capable land-based weapons systems deployed by any claimant in the disputed South China Sea to date. From early 2018 through 2021, the PRC regularly utilized its Spratly Islands 114 OFFICE OF THE SECRETARY OF DEFENSE Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China outposts to support naval and coast guard operations in the South China Sea. In mid-2021, the PLA deployed an intelligence-gathering ship and a surveillance aircraft to the Spratly Islands during U.S.-Australia bilateral operations in the region.”. Disponível em: <<https://navyleaguehonolulu.org/maritime-security/ewExternalFiles/2022-military-and-security-developments-involving-the-peoples-republic-of-china.pdf>> Acessado em: 18 Set 2023

¹⁶ Sonho Chinês refere-se a expressão usada por Xi Jinping, em novembro de 2012, que significa uma nação que vive bem, com a população empregada e satisfeita com um progresso que seja possível para os indivíduos e o país como um todo.

Figura 3- A primeira e segunda cadeia de ilhas

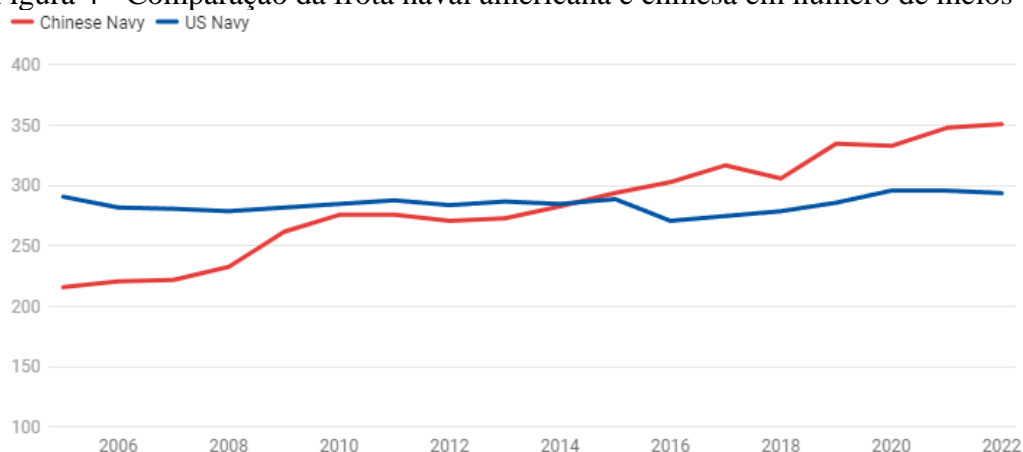


Fonte: Office of Secretary of Defense (2008)

A fim de atender a esses objetivos, as Forças Armadas chinesas têm passado por uma modernização contínua desde os anos 90. Esse processo abrange reformas internas e aquisições de equipamentos mais avançados, incluindo navios e armamentos de última geração (JÚNIOR, 2015). Atualmente, a marinha chinesa já supera a norte-americana em termos quantitativos (Figura 4). No entanto, seus meios são geralmente inferiores e baseados em tecnologias mais antigas. A China, por exemplo, ainda utiliza submarinos movidos a diesel e corvetas menores, cujo poder de fogo é inferior ao das contrapartes americanas.¹⁷

¹⁷ China Power Team. "How is China Modernizing its Navy?" China Power. 17 Dez. 2018. Disponível em: <<https://chinapower.csis.org/china-naval-modernization/>>. Acesso em: 18 Set 2023

Figura 4 - Comparação da frota naval americana e chinesa em número de meios



Fonte: CSIS China Power Project¹⁸

Desse modo, do ponto de vista estratégico-militar, o Mar do Sul da China se configura como uma espécie de defesa avançada às províncias chinesas, permitindo combater o inimigo distante de seu litoral e impedir possíveis bloqueios navais. (FRAVEL, 2011)

Houve uma época em que a China não possuía a capacidade naval para implementar tal estratégia, devido às limitações de sua Marinha. Contudo, na conjuntura atual, com uma Marinha amplamente fortalecida, a abordagem chinesa visa consolidar sua posição dominante, ao mesmo tempo que parece desestimular resoluções imediatas, conforme evidenciado no trecho subsequente:

“Em resumo, a estratégia da China para lidar com suas reivindicações no Mar do Sul da China tem enfatizado o adiamento da resolução das disputas subjacentes por meio da ocupação de características contestadas em momentos específicos para fortalecer sua posição. Até a década de 1980, o principal fator de adiamento era a capacidade naval limitada da China. Após a China fortalecer sua posição nas Ilhas Spratly por meio da ocupação de sete áreas entre 1988 e 1994, o principal objetivo do adiamento tem sido a consolidação da posição da China.” (FRAVEL, 2011)

No trecho mencionado, fica evidente a importância das Ilhas Spratly para a China. Apesar de sua distância do litoral chinês, esse arquipélago, que não está localizado dentro da Zona Econômica Exclusiva (ZEE) chinesa conforme estabelecido pela UNCLOS, mas sim na ZEE compartilhada entre Filipinas, Brunei e Indonésia, oferece à China o domínio sobre a

¹⁸ China Power Team. "How is China Modernizing its Navy?" China Power. 17 Dez. 2018. Disponível em: <<https://chinapower.csis.org/china-naval-modernization/>>. Acesso em: 18 Set 2023

região mais ao sul da Nine Dash Line. Diante desse cenário e com o intuito de solidificar sua presença nas Ilhas Spratly, a China optou pela construção de ilhas artificiais com propósitos essencialmente militares.

1.5 Ilhas Artificiais do Mar do Sul da China

A militarização das ilhas do MSC ganhou notoriedade global a partir da iniciativa chinesa de construir instalações militares nas Ilhas Paracel. Uma das primeiras construções aconteceram na Ilha Woody, cuja área é um pouco maior que Mônaco, no arquipélago de Paracel, com a construção de uma pista de pouso e outras instalações militares como radares em 1990¹⁹. A região hoje é habitada por mais de 1.000 indivíduos, incluindo militares e civis.

De acordo com Qiu (2017), a lógica é ocupar e dar status administrativo às ilhas de forma a argumentar soberania sobre o território:

“Para legitimar o status legal dessas ilhas a nível nacional, a China deu um passo importante em julho de 2012, quando anunciou Sansha como uma cidade de nível provincial na Província de Hainan. De acordo com a China, a cidade de Sansha tem jurisdição sobre as Ilhas Paracel, Ilhas Spratly e outras características disputadas. Ao legalizar o status administrativo dessas ilhas em seu sistema político, a China estabeleceu uma base legal sólida em seu país para reivindicar a soberania territorial em meio a reivindicações concorrentes do Vietnã e das Filipinas. É importante destacar que o governo da cidade de Sansha está localizado na Ilha de Yongxing (Woody) nas Ilhas Paracel, que também serve como centro para o crescente poder militar da China na região.” (QIU, 2017)²⁰

Recentemente, em agosto de 2023, a Ilha Triton, parte do arquipélago Paracel e situada no sudoeste desse conjunto, próxima à costa vietnamita (como ilustrado na Figura 5), começou a sofrer intervenções pela China. Além de aterros, uma pista de pouso para aeronaves de asa fixa, um heliponto e diversas outras construções com propósitos militares estão em desenvolvimento na ilha.²¹

¹⁹ Qiu, Z. The “Civilization” of China’s Military Presence in the South China Sea. 21 Jan. 2017 Disponível em: <<https://thediplomat.com/2017/01/the-civilization-of-chinas-military-presence-in-the-south-china-sea/>>.

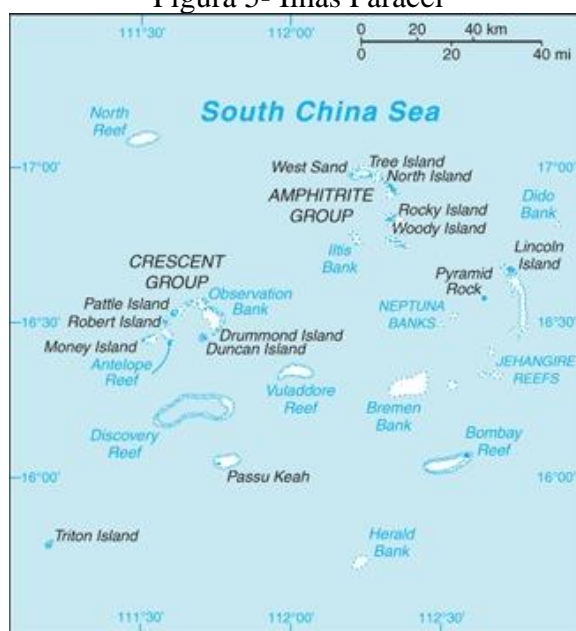
Acesso em: 07 Ago 2023

²⁰ Idem

²¹ Newdick, T. China Is Building A Runway On Its Closest Island Outpost To Vietnam. 15 Ago. 2023 Disponível em: <<https://www.thedrive.com/the-war-zone/runway-being-built-on-chinas-closest-island-outpost-to-vietnam>>

Acesso em: 15 Ago 2023

Figura 5- Ilhas Parcel



Fonte: CIA²²

Entretanto, a expansão da China não se restringe apenas ao arquipélago Parcel. A nação também tem empreendido esforços para construir ilhas artificiais na região das Ilhas Spratly. Estas ilhas são formadas por meio de técnicas avançadas de engenharia, utilizando aterros com rochas, cimento e areia. Uma vez construídas, são equipadas com pistas de pouso, portos, infraestruturas de comunicação e até armamentos militares. (FAKHOURY, 2019)

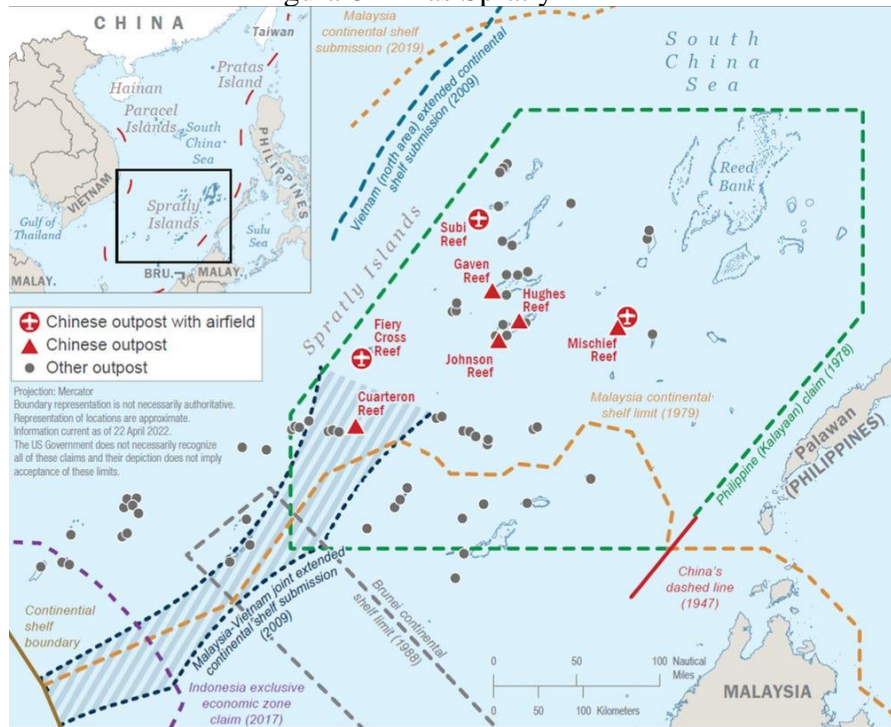
Na região das Ilhas Spratly, a China já estabeleceu sua presença em sete recifes, como demonstrado na Figura 6: Fiery Cross, Cuarteron, Subi, Johnson South, Gaven, Hughes e Mischief.²³ Nesses locais, instalações militares estão sendo erguidas, conforme evidenciado na Figura 7.

As instalações estratégicas ampliam significativamente o alcance operacional da força aérea chinesa, permitindo ao país um controle mais efetivo sobre o MSC e defender as suas reivindicações de soberania, alinhadas com a estratégia de domínio da primeira cadeia de ilhas.

²² CIA: Paracel Islands – Details. 03 Ago. 2023 Disponível em: <<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/paracel-islands/>> Acesso em: 15 Ago 2023

²³ Ministério da Defesa Japonês: China's Activities in the South China Sea. Ago. 2013 Disponível em: <https://www.mod.go.jp/en/d_act/sec_env/pdf/ch_d-act_b.pdf> Acesso em: 17 Ago 2023

Figura 6 - Ilhas Spratly



Fonte: Departamento de defesa americano

Figura 7 - Recife de Fiery Cross



Fonte: Ministério da Defesa Japonês (Agosto 2023)

CAPÍTULO 2. A ESTRATÉGIA MILITAR DE DEFESA CHINESA APLICADA AO MSC

Como visto no capítulo anterior, a ocupação do MSC faz parte de uma estratégia chinesa de projeção de poder naval que existe para respaldar os interesses nacionais, como proposto pelo Comandante Liu Huaqing. Para isso, o país vem exercendo sua presença militar cada vez mais forte na região, seja com patrulhas e exercícios militares, seja com a ocupação de ilhas, objetos de disputas por soberania, especialmente em Paracel e em Spratly.

Há algumas décadas a China não contava com uma marinha forte e capaz de apoiar as suas aspirações de poder na região. No entanto, no início deste século a situação mudou. Hoje, com o desenvolvimento econômico que o país vem experimentado a décadas, houve grande investimento na modernização de suas Forças Armadas e de sua doutrina militar, de modo que se observa que o país não é mais voltado somente para a defesa interna e sobre o mar territorial, sendo capaz de projetar seu poder para além de suas fronteiras.

Uma vez compreendido, a partir do capítulo 1, as relações internacionais da região do MSC, suas disputas de soberania e limites marítimos, as relações econômicas entre estes países, bem como a importância estratégica para toda região e para o mundo, é oportuno entender a estratégia militar chinesa, a fim de fornecer entendimento sobre as razões, capacidades e implicações que as construções das Ilhas Artificiais geram.

Para isso, o capítulo está dividido em três partes. No início será apresentado a evolução da estratégia de defesa chinesa de modo a entender, em síntese, o caminho que o país seguiu desde 1949 até a estratégia atual e o que motiva as mudanças estratégicas chinesas. Em seguida, será demonstrada com mais detalhes a estratégia de defesa de 1993 e como ela foi atualizada recentemente, levando-se em conta o advento de novas tecnologias. Por fim, discute-se como esta estratégia se correlaciona com o MSC.

2.1 Evolução da Estratégia de Defesa da China

A estratégia militar chinesa foi muitas vezes mal compreendida. Isso se deve em primeiro lugar a dificuldade de acesso às informações e, em segundo lugar, à incorreta caracterização das estratégias chinesas do passado. Um exemplo disso pode ser observado na definição feita por muitos autores acerca da estratégia das forças armadas chinesas como guerra popular em todo o período desde 1949 até a década de 80. Neste período, a China assumiu, através do Exército de Libertação Popular, quatro estratégias diferentes, sendo apenas duas delas caracterizadas como algo próximo do que Mao Zedong descrevera como guerra popular, trazendo luz para a necessidade de estudo sobre o tema. (FRAVEL, 2019)

Importante compreender que na China, as diretrizes de estratégia servem como uma base para as estratégias militares de defesa e, como dito pelo líder chinês Deng Xiaoping, em 1977: “Sem uma clara diretriz estratégica, muitos assuntos não são bem tratados.” Desse modo, a conduta e o direcionamento que o país assume deve estar em concordância com a estratégia estabelecida, ou seja, conhecendo e compreendendo a estratégia chinesa, consegue-se inferir os objetivos do país.

Com isso, é possível observar que as mudanças profundas na estratégia militar chinesa desde a revolução de 1949 foram todas decorrentes de respostas em mudanças nas conduções dos campos de batalha daqueles períodos, mas que somente foram possíveis quando o partido comunista chinês estava unido e estável. (FRAVEL, 2019)

Neste sentido, como trata-se de um país cuja modernização das forças armadas não estavam em condição de igualdade com os países desenvolvidos, a China teve que se manter atenta às mudanças nos campos de batalha, observando como os conflitos ocorriam e monitorando constantemente os Estados mais fortes, de modo a tentar diminuir sua desvantagem comparativa, se antecipando ao que seria a guerra do futuro. Assim, mesmo com orçamento mais escasso que seus oponentes, caso a alocação de recursos fosse correta e cuidadosa e, ao mesmo tempo conseguisse enxergar corretamente a guerra do futuro, a China conseguiria reduzir sua desvantagem perante os países mais poderosos.

Por outro lado, para que as mudanças pudessem ocorrer, havia a necessidade de que o partido estivesse unido. Isso acontece, pois diferente de uma democracia, os oficiais mais graduados são também membros do partido e detêm, além da influência civil e política, influência militar. Ou seja, somente é possível realizar grandes mudanças se existir união entorno da estrutura de poder e das políticas básicas como um todo. Do contrário, com divergências fundamentais, não é possível realizar tais transformações, visto que os militares de maior posto estariam inclinados a seguir estratégias que beneficiassem suas posições dentro do partido, contrariando decisões opostas (FRAVEL, 2019).

Entre as motivações para mudança das estratégias de guerra de um país, estão as ameaças mais imediatas e externas que ele sofre, uma resposta a mudanças na estratégia militar de um país oponente, o advento de novas tecnologias que impliquem ajustes nas estratégias militares para se manter forte e quando há o estabelecimento de novos objetivos militares pelo Estado. Veremos que estas motivações também foram as principais razões por detrás das mudanças estratégicas da China.

As mudanças profundas na estratégia militar chinesa ocorreram em 1956, 1964, 1980 e 1993, e as mudanças menores ocorreram em 1960, 1988, 2004 e 2014. Todas elas, à exceção

de 1964, foram geradas em razão de guerras envolvendo grandes potências e a consequente mudança no campo de batalha na qual a China procurou se preparar para a próxima guerra.

As estratégias serão brevemente explicadas de forma a entender como o estabelecimento da estratégia militar chinesa é construída, todas feitas a partir da análise de Fravel (2019), iniciando-se pela estratégia de 1956, chamada de Diretriz Estratégica para Defesa da Terra Natal. Ela ressalta a estratégia de defesa das áreas costeiras chinesas junto às rotas de invasão prováveis a nordeste do país com planos de defesa avançada e em áreas industriais e econômicas ao redor de Shanghai.

Naquele momento o principal oponente que a China visualizava eram os EUA, em função da guerra das Coreias, razão pela qual temia um desembarque anfíbio, imaginando que os EUA pudessem fazer uma operação na costa de seu território a nordeste. Com isso, a estratégia proposta consistia no foco de se defender contra um oponente tecnologicamente mais avançado, estabelecendo uma defensiva avançada nesta posição, levando em consideração as lições apreendidas na 2ª Guerra Mundial e na Guerra das Coreias.

A estratégia de 1964, diferentemente das demais, não foi motivada por ameaças externas, e sim internas. O líder do partido, Mao Zedong, estabeleceu uma estratégia que concentrava esforços na segurança interna, atacando revisionistas que considerava uma ameaça à revolução cultural.

Já em 1980, o principal oponente chinês passou a ser a União Soviética e a estratégia estabelecida, chamada de defesa ativa, consistia em resistir a uma invasão russa com uma defensiva avançada ancorada em uma guerra de posições, mais estática, que não permitiria que o inimigo ganhasse terreno.

Por fim, a estratégia de 1993, chamada de Guerras Locais sob Condições de Alta Tecnologia, mudou radicalmente a estratégia chinesa. Diferentemente das anteriores, a China não se focou mais na defesa contra invasões ao seu território, mas sim em como travar guerras com objetivos limitados que seriam caracterizados por novas formas de combate, particularmente de altas tecnologias, como ponto básico na preparação para conflitos militares²⁴.

Essa estratégia foi atualizada em 2004 e em 2014 para enfatizar na preparação para conflitos militares em guerras sob a condição de guerra de informação, além de focar na capacidade de realizar ataques precisos em pontos estratégicos e realizar operações conjuntas

²⁴ The State Council Information Office of the People's Republic of China, Maio 2015. Disponível em: <<http://eng.chinamil.com.cn/DOCUMENTSPUBLICATIONS/10053010.html>> Acesso em: 28 Ago 2023

integradas, ou seja, atuar com os componentes das forças armadas de forma integrada para obter a vitória²⁵.

Percebe-se com isso que desde a revolução de 1949 a China esteve voltada a se proteger: inicialmente contra os EUA, posteriormente por opositores internos e finalmente pela união soviética. A partir de 1993, contudo, a estratégia muda, deixando de se basear em opor-se a uma ameaça de invasão externa ou de enfraquecimento partidário e sim em preparar-se para guerras localizadas com objetivos limitados e com uso de equipamentos de alta tecnologia, ainda assim incorporada no conceito de defesa ativa que se caracteriza por ser essencialmente defensiva, mas operativamente ofensiva.²⁶

2.2 A Estratégia Militar Chinesa Atual sob a Perspectiva Marítima

Tradicionalmente a China é um país cujas forças armadas detinham vocação majoritariamente terrestre, com um exército bastante grande, o que gradualmente vem mudando. Além de reduzir o efetivo de seu exército, cerca de 700.000 soldados foram cortados da força no início da nova estratégia (FRAVEL, 2019), a ênfase de investimento em defesa chinesa mudou para o poder aéreo, o poder naval e a ampliação de sua capacidade de lançamento de mísseis (JÚNIOR; SILVA, 2020).

Este investimento na defesa, do ponto de vista da Marinha do Exército de Libertação Popular (PLAN), está em conformidade com o conceito de Defesa Ativa dos Mares Próximos desenvolvida pelo Comandante Liu Huaqing, com equipamentos voltados para a defesa da primeira cadeia de ilhas e para a segunda cadeia de Ilhas (JÚNIOR; SILVA, 2020).

A modernização naval chinesa pode ser analisada através de três vetores de modernização. O primeiro envolve o desenvolvimento de software e hardware com o foco da projeção naval para águas azuis. O segundo vetor consiste na capacidade da marinha de exercer operações conjuntas. O terceiro vetor visa o aspecto da iteração interagências marítimas, ou seja, a guarda costeira e outras agências (SAUNDERS et al, 2019).

Dentro deste primeiro vetor, a modernização é realizada por esforços para aquisição de armas de longo alcance, como mísseis balísticos antinavio (ASBM), embarcações tecnológicas e submarinos nucleares. A fim de proporcionar à Marinha quanto à capacidade de proteger a primeira cadeia de ilhas, são utilizados equipamentos de curto alcance como mísseis balísticos

²⁵ The State Council Information Office of the People's Republic of China, Maio 2015. Disponível em: < <http://eng.chinamil.com.cn/DOCUMENTSPUBLICATIONS/10053010.html>> Acesso em: 28 Ago 2023

²⁶ Ornelas, T. China's Active Defense Military Strategy, Out. 2021. Disponível em: < <https://www.mca-marines.org/wp-content/uploads/57-Chinas-Active-Defense-Military-Strategy.pdf>> Acesso em: 28 Ago 2023

e de cruzeiro de alcance reduzido e navios modernos, já para a segunda cadeia são utilizados equipamentos militares mais tecnológicos de longo alcance, submarinos nucleares, mísseis balísticos de longo alcance e ASBM (MACHADO et. al, 2016).

Durante o período de 1995 a 2016, a Marinha da China expandiu sua frota de submarinos, adquirindo cerca de 50 novos submarinos, que incluem tanto os convencionais como os nucleares. Atualmente, a China opera com quatro submarinos nucleares capazes de lançar mísseis balísticos, além de cinco submarinos nucleares de ataque e 47 submarinos movidos a diesel. (JÚNIOR; SILVA, 2020).

Do ponto de vista dos porta aviões, até 2012 a China não possuía nenhum. Momento em que adquiriu seu primeiro, o Liaoning, comprado da Rússia. Em 2017, contudo, a PLAN construiu seu primeiro porta aviões, o Shangdong, que entrou em serviço em 2019. Em 2018, iniciou-se a construção de seu terceiro porta aviões, o Fujian, que deve entrar em operação em 2024 e dispõe de uma catapulta com capacidade para lançamento de maior variedade de aeronaves e com mais munição que os demais²⁷.

De acordo com Relatório Anual ao Congresso Americano (2022), a Marinha do Exército de Libertação Popular da China (PLAN) está empenhada em aprimorar suas capacidades de combate antiaéreo, antissuperfície e antissubmarino, ao mesmo tempo em que desenvolve uma dissuasão nuclear em alto-mar. Assim, está introduzindo novas plataformas versáteis capazes de realizar uma variedade de missões, tanto em tempos de paz quanto de guerra. Isso inclui a incorporação de submarinos de ataque modernos, navios de combate de superfície equipados com sistemas antiaéreos de última geração e aeronaves navais de quarta geração. Essas medidas visam estabelecer a superioridade marítima dentro da Primeira Cadeia de Ilhas e servir como uma dissuasão contra qualquer intervenção externa em um potencial conflito relacionado a Taiwan.

No que diz respeito à capacidade anfíbia, a China tem concentrado seus esforços em adquirir alguns navios doca de transporte anfíbio de alcance oceânico (LPDs) e navios de assalto anfíbios (LHAs). Embora a PLAN não tenha investido numa quantidade considerável de embarcações de desembarque que alguns observadores externos acreditam ser necessárias para um possível assalto a Taiwan em grande escala, é possível que o PLAN avalie que possui capacidade anfíbia suficiente. Além disso, o PLAN pode ter resolvido eventuais deficiências

²⁷ Lendon B., Gan N. "Fujian": China apresenta seu terceiro e mais avançado porta-aviões, Jun. 2022. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/fujian-china-apresenta-seu-terceiro-e-mais-avancado-porta-avioes/> > Acesso em: 25 Set 2023

por meio de investimentos em outras capacidades operacionais, como navios de transporte civil e ativos de helicópteros. Também existe uma grande confiança na capacidade da indústria naval da China de produzir rapidamente as conexões necessárias entre navio e costa também pode ser um fator a ser considerado.

Além da modernização do “hardware” através da modernização e construção desses novos equipamentos, a PLAN também tem feito esforços no recrutamento, na educação e nos treinamentos dos militares.

De 1999 em diante a marinha planejou recrutar 600 oficiais formados em instituições de ensino superior anualmente, estabeleceu uma academia para formação de pilotos aeronavais e criou um regimento de operações especiais. Também intensificou o treinamento para capacitar seu pessoal a operar os mais modernos equipamentos que adquiridos e construídos (SAUNDERS et al, 2019).

O segundo vetor, o conceito de força conjunta, significa que a vitória advém do esforço mútuo das forças quando atuam com sinergia nos mais diferentes ambientes de guerra. Para isso, houve um reconhecimento da necessidade de valorização dos poderes naval e aéreo, que ficaram evidentes com os cortes desproporcionais de pessoal - em 2003, houve um corte de pessoal que afetou maior parcela do exército que das demais forças - (SAUNDERS et al, 2019).

O terceiro e último vetor de modernização diz respeito às operações interagências. De acordo com a estratégia naval, essas operações implicam na colaboração da marinha com a milícia marítima e a guarda costeira, além da utilização de uma rede de bases e postos avançados em toda a região do Mar do Sul da China. Algumas agências civis também desempenham funções relevantes, como o Ministério das Relações Exteriores e os meios de comunicação estatais, que têm um papel significativo na formulação e disseminação da narrativa em vigor (SAUNDERS et al, 2019), o que se observa após episódios de embate nas ilhas do MSC, especialmente Spratly.

O papel protagonista da PLAN pode ser observado no seguinte trecho:

“A marinha não apenas tirou proveito da crescente importância do mar para a economia da China, mas também enfatizou a crescente importância das reivindicações marítimas e de soberania da China. As três disputas de soberania de maior destaque da China (Taiwan, Mar do Sul da China e Mar da China Oriental) envolvem ilhas ou outras características físicas cercadas por vastos corpos de água. A marinha e os fuzileiros navais ocupam características físicas nas Paracel e nas Spratlys há décadas. À medida que as disputas marítimas e de soberania no Mar do Sul da China e no Mar da China Oriental se intensificaram após 2012, a marinha passou a desempenhar um

papel central na defesa dos interesses da China. Os esforços da marinha e do lobby marítimo chinês para enfatizar a crescente importância dos interesses marítimos chineses contribuíram para atrair recursos para a modernização naval e culminaram no relatório de trabalho do 18º Congresso do Partido em novembro de 2012, que estabeleceu a tarefa de "transformar a China em uma nação marítima"²⁸ (MCCASLIN; ERICKSON, 2019).

Em busca desta nação marítima, a estratégia naval chinesa baseia-se nestes três vetores de modernização através dos quais adquire capacidade de elevá-la ao posto de marinha de águas azuis, utilizando para isso o conceito da cadeia de ilhas, de Liu Huaqing, de onde busca-se dominar inicialmente a primeira, seguido da segunda linha de cadeias para, futuramente, projetar o seu poder naval para outros mares.

2.3 Estratégia Chinesa Vigente no MSC

Desde que a UNCLOS foi ratificada, as disputas por soberania nas ilhas do MSC se tornaram mais proeminentes. Neste sentido, a China tem usado uma estratégia de ocupação e de atraso na solução de empasses com os demais países da ASEAN:

“Dentro desse novo contexto, a estratégia da China de atrasar o estabelecimento tem enfatizado o fortalecimento da própria reivindicação de direitos marítimos, especialmente sua capacidade de exercer jurisdição sobre as águas contestadas e de dissuadir outros Estados reclamantes de fortalecer ainda mais suas próprias reivindicações marítimas. A China busca evitar qualquer atividade de desenvolvimento, como exploração de hidrocarbonetos, que exclua a China e garantir sua participação em qualquer desenvolvimento que ocorra. A China também deseja assegurar que possa negociar a partir de uma posição de força.²⁸” (FRAVEL, 2011)

Ao escolher esta estratégia de atraso, a China optou por não escalar disputas e permitiu que as reivindicações dos outros Estados não fossem abandonadas. Contudo, como a China é o Estado mais forte da região, ao tomar atitudes que consolidem suas alegações, é natural que

²⁸ Do original: “Within this new context, China’s strategy of delaying the settlement has emphasized strengthening China’s own claim to maritime rights, especially its ability to exercise jurisdiction over the contested waters, and to deter other claimant states from further strengthening their own maritime claims. China seeks to prevent any development activities such as hydrocarbon exploration that excludes China and to ensure that it participates in any development that occurs. China also wants to ensure that it will be able to negotiate from a position of strength.”

seja vista pelos estados mais fracos como uma ameaça às suas respectivas alegações de soberania.

Neste sentido, o estabelecimento de bases militares nas ilhas de Paracel e Spratly reforçam esta sensação de uma país que não se dedica para resolver as questões de soberania com os vizinhos, mas que, em paralelo, fortalece suas posições de interesse na região, o que gera uma sensação de ambiguidade na relação entre o discurso oficial e as ações efetivamente praticadas pelo governo chinês.

Segundo Hayton (2014), a China garante pouca vantagem ao ocupar os recifes em Spratly, mas que essas ocupações garantem uma sustentação mínima de argumentos territoriais, sem as quais seriam puramente teóricas.

É importante ressaltar que além do argumento sustentado por Hayden, a ocupação também garante vantagem militar significativa à medida que permite instalações militares avançadas no oceano proporcionando alerta antecipado, oportuna defesa avançada no oceano, ponto logístico marítimo, interposto para ataques aéreos, bases de lançamentos de mísseis e comando e controle sobre grande parcela do MSC.

Estas instalações militares, que geralmente têm pistas de pouso de 1 a 2 milhas de comprimento oferecem maior capacidade de armazenamento e comprimento do que qualquer porta aviões, mesmo os mais modernos, o que significa que os aviões conseguem decolar com combustível pleno e com o máximo de munição, operando com o maior alcance (Figura 8) e poder de fogo.²⁹

As Instalações ainda contam com navios patrulha, suprimentos logísticos, equipamentos de guerra eletrônica, aeronaves de reconhecimento e, eventualmente, de ataque, como os caças J-20. A utilização destes recursos permite estender o alcance de sua capacidade de negar acesso e negar área (do inglês *anti-access/area denial* - A2/AD), atividade central da estratégia de domínio do MSC.³⁰

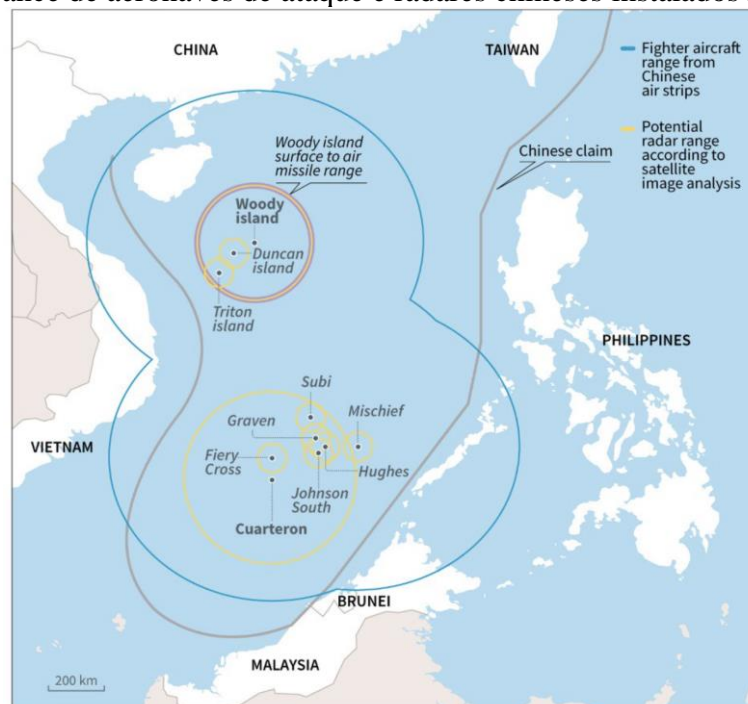
Além disso, ainda no campo diplomático, a China tem buscado impedir atividades econômicas na região disputada. Exemplo disso ocorreu em meados dos anos 2000, quando o Vietnã buscou cooperação de empresas internacionais para fazer exploração de petróleo em

^{29 30} Wang, B. Missiles and planes make China's South China Sea Island bases an effective update of the Maginot Line, 21 Abr 2018 Disponível em: < <https://www.nextbigfuture.com/2018/04/missiles-and-planes-make-chinas-south-china-sea-island-bases-an-effective-update-of-the-maginot-line.html>> Acesso em: 06 Out 2023

plataformas offshore e a China enviou 18 objeções às companhias estrangeiras de petróleo (FRAVEL, 2011).

Além da exploração de petróleo e gás que a China faz objeções, a presença de navios pesqueiros filipinos no MSC também geram atritos frequentes. Em abril de 2023 duas embarcações, uma da guarda costeira chinesa e outro da guarda costeira filipina, quase colidiram no MSC após abordagem chinesa. Em agosto do mesmo ano, a guarda costeira chinesa utilizou canhões de água e fez movimentos alegadamente perigosos, de acordo com as Filipinas, sobre navios filipinos que navegavam na região das Ilhas Spratly, o que levou ao presidente filipino a convocação do embaixador de seu país na China para explicações.³¹

Figura 8 - Alcance de aeronaves de ataque e radares chineses instalados no MSC



Fonte: CSIS/AMTI

Dessa forma, verifica-se que a estratégia chinesa de ocupação da região e restrição ao comércio e exploração da área é feita por uma variedade de táticas militares, paramilitares, administrativas, legais ou não, buscando expandir o controle chinês sobre as águas em disputa na região (FRAVEL, 2011), utilizando para isso também de bases militares em várias ilhas espalhadas pelo MSC.

³¹ Reuters e AFP "Filipinas reagem a disputa marítima e convocam embaixador da China, 7 Ago. 2023. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/08/filipinas-reagem-a-disputa-maritima-e-convocam-embaixador-da-china.shtml/>> Acesso em: 05 Out 2023

O comprometimento da China com suas disputas por soberania na região do MSC são uma posição de longo termo e pouco provável de mudar imediatamente. Com a estratégia de retardar, a China consegue fortalecer suas reivindicações e frear os pleitos dos países vizinhos.

De acordo com Fravel (2011), a China poderá, futuramente, inclinar-se a fazer concessões quando a prioridade for fortalecer laços com os estados que reivindicam direitos na região seja maior, em detrimento das questões envolvendo as ilhas e os direitos marítimos em disputa. Mas no momento, essa mudança é pouco provável. Uma possibilidade para isso é se a China quiser evitar a formação de uma coalizão de equilíbrio, especialmente uma liderada pelos Estados Unidos. Nesse cenário, a China estaria disposta a ceder em algum grau na disputa para melhorar suas relações com esses Estados.

Contudo, até o momento, o que se observa é uma aproximação maior de alguns países da ASEAN aos EUA, mais notadamente, do ponto de vista militar, a Filipinas, que em fevereiro de 2023 permitiu a construção de mais quatro bases americanas em seu território, alegando que, segundo o governo filipino, “Isso aumentaria a capacidade do país de defender o "lado leste" de sua maior ilha, Luzon, que é a ilha filipina mais próxima de Taiwan.”³²

Por outro lado, o Embaixador chinês na Filipinas argumentou que “tal cooperação irá seriamente ameaçar a paz e a estabilidade regional e arrastar as Filipinas para o abismo das disputas geopolíticas.”³³

Dessa forma, a região parece opor duas potências pelo domínio da região. Enquanto os EUA instalam bases militares e realizam exercícios militares na região, a China constroi bases militares em Ilhas no interior do MSC, inclusive realizando construções de Ilhas Artificiais em pontos estratégicos.

^{32 33} AlJazeera “US gets new Philippine bases with South China Sea, Taiwan in mind”, 22 Mar. 2023. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2023/3/22/us-gets-new-philippine-bases-with-south-china-sea-taiwan-in-mind#:~:text=The%20US%20has%20committed%20%2480,Lumbia%20Air%20Base%20in%20Mindanao./>>> Acesso em: 07 Out 2023

CAPÍTULO 3. AS ILHAS ARTIFICIAIS DO MSC: PROJEÇÃO NAVAL DO PODER MILITAR CHINÊS

Nos capítulos anteriores foram abordados assuntos fundamentais para o entendimento do papel das Ilhas Artificiais no MSC. Iniciamos apresentando as características principais da região do MSC, as principais disputas por soberania e os limites defendidos por cada um dos países envolvidos, os potenciais econômicos e militares que a área oferece e as vantagens estratégicas que o domínio do MSC proporciona.

No capítulo seguinte, por sua vez, o foco passou a ser na estratégia chinesa. Foi abordado brevemente como ela se desenvolveu desde a Revolução de 1949 até a estratégia atual, contextualizando o que motivou suas mudanças e a importância que a unidade do partido tem sobre a capacidade de se alterar a estratégia. A partir disso, o foco passou a ser na estratégia vigente, em que foi abordado a forma com a qual a China depende do seu poder naval para ter sucesso em sua mais recente estratégia de defesa.

Assim, começou-se abordando dois assuntos aparentemente distintos: o MSC e a estratégia de defesa chinesa. Contudo, ao fim do segundo capítulo, foi possível interligá-los ao evidenciar a relevância que o MSC tem para a estratégia de defesa chinesa. Neste sentido, ficou claro que uma importante parte desta estratégia consiste em ocupar as ilhas disputadas na região e que para isso, a China, tem se valido, inclusive, de construir ilhas artificiais com instalações militares em seus interiores.

Neste capítulo será desenvolvido como estas ilhas artificiais se encaixam na estratégia chinesa. Iniciando-se pela abordagem das capacidades militares das ilhas construídas, passando pelo objetivo maior chinês em sua construção e terminando com as implicações que a militarização na região suscita e os efeitos que esta instabilidade e disputa de poder pode ocasionar para o mundo.

Nesse sentido, é importante perceber que o interesse da China sobre a região do MSC não é recente. Em 1953, o governo da República Popular da China estabeleceu a *Nine Dash Line* através da divisão do espaço marítimo sobre o MSC que entende que faz parte do seu território. Por outro lado, a ONU, através da UNCLOS, estabelecida em 1982, a qual a China é signatária, entende que essa alegação não é correta e que a região não pertence a China. Apesar de entendimento negativo da ONU, o governo chinês vem se esforçando em ocupar continuamente a região.

Em 1992 foi promulgada a “Lei sobre as Águas Territoriais e Zonas Adjacentes”, em que a China se autodelegou os direitos sob o Mar do Sul da China, as ilhas e arquipélagos da região (BEUKEL, 2010). Em seguida, em 1998, a República Popular da China acrescenta os

direitos marítimos com a “Lei sobre a Zona Econômica Exclusiva e a Plataforma Continental da República Popular da China” (JÚNIOR; GODINHO, 2019).

Em 1995, de acordo com Júnior et al. (2019), o país expandiu sua presença na região com a construção de ilhas artificiais no arquipélago das ilhas Spratly, fora do raio de inclusão de sua ZEE estabelecido pela ONU.

Isso porque, segundo o Art. 60 da UNCLOS (1982), os Estados não são impedidos de construir ilhas artificiais, mas apenas podem fazê-lo dentro de suas ZEE. Ou seja, para a ONU as construções são ilegais, pois estão fora da ZEE chinesa, mas para a China são legais, pois são construções internas à sua ZEE.

Independente da legalidade, as Ilhas vêm sendo construídas desde o início do século XXI e sua ocupação tem caráter fundamentalmente militar.

3.1 Capacidade de Projeção Naval Através das Ilhas do MSC

A China utiliza, essencialmente, dois arquipélagos no MSC como bases de sua projeção de poder na região, ocupando algumas de suas ilhas e alegando soberania sobre toda região. Para isso tem construído instalações militares em vários deles.

A primeira delas é a região das Ilhas de Paracel (Ver Figura 9). A região consiste em um conjunto de ilhas, recifes e bancos de areia que podem ser divididos em duas partes principais: o grupo Anfítrite a Leste e o grupo Crescente ao Oeste.

Figura 9 - Ilhas Paracel



Fonte: Naval Post³⁴

³⁴Naval Post “USS Benfold’s deployment near Paracel Islands arises tensions between the U.S. & China”, 13 Jul. 2021. Disponível em: < <https://navalpost.com/uss-benfold-paracel-islands/> > Acesso em: 12 Out 2023

No grupo Anfitrite, em sua parte Norte, destaca-se a Ilha West Sand (Ver Figura 10) e a Ilha Zhaoshu(Ver Figura 101).

A Ilha West Sand é ocupada pela China, que embora não tenha construído instalações militares aparentes, notam-se mudanças significativas de sua aparência. Nela existe um Farol de navegação, arruamentos em seu interior e pode-se notar que existem mais árvores do que na foto de 2012.

Isso não se restringe a West Sand. A fim de tornar as Ilhotas mais sustentáveis, consolidando suas alegações junto a UNCLOS, e evitar a erosão de suas superfícies, a China tem desenvolvido técnicas de plantio em areia³⁵, que tem tido resultados comprovados, tanto na Ilha West Sand, mas, principalmente, na Ilha Woody, sua Ilha mais importante na região.

Figura 10 - Evolução de West Sand (2012 e 2017)



Fonte: ASIA MARITIME TRANSPARENCY INITIATIVE

A Ilha Zhaoshu, localizada a 6km a Leste da Ilha West Sand, também é ocupada pela China. Assim como a Ilha West Sand, também houve mudança em sua estrutura, porém muito mais pronunciada. Nota-se a expansão da Ilha através de aterramentos a Oeste, a construção de instalações em seu interior, helipontos e local para atracação. Toda essa estrutura permitiu que a ilha se tornasse moradia para vários pescadores chineses³⁶.

³⁵ Benar News <https://www.benarnews.org/english/news/philippine/Woody-Island-vegetables-05212020183928.html> Acesso em: 10 Out 2023

³⁶ Global Times, Maio 2016, <https://www.globaltimes.cn/content/980851.shtml> 2016-5-2 Acesso em: 10 Out 2023

Figura 11 - Ilha Zhaoshu em 2022 (esquerda) e 2012 (direita)



Fonte: ASIA MARITIME TRANSPARENCY INITIATIVE

No centro do grupo Anfitrite a ilha que se destaca é a Ilha Woody.

A Ilha Woody é a principal Ilha chinesa de todo o MSC, com mais habitantes que todas as outras ilhas somadas. Esta ilha, localizada no limite da ZEE chinesa, diferentemente das demais, já contava com alguma estrutura construída em 2012, mas também sofreu intensas transformações na última década.

É possível observar pela figura abaixo que a ilha foi intensamente aterrada, especialmente em sua porção NE, quase dobrando de tamanho, e que novas instalações foram erguidas.

Figura 12 - Ilha Woody em 2022 (esquerda) e 2012 (direita)



Fonte: ASIA MARITIME TRANSPARENCY INITIATIVE

É nesta ilha que se verifica a maior atividade militar entre todas as ilhas da região. Em 2016, foram observados lançadores de mísseis terra-ar (SAMs) instalados em Woody (Ver Figura 13).

As baterias Antiaéreas instaladas, chamadas de HQ-9, podem atingir aeronaves a até 200km de distância, proporcionando à China a defesa aérea de boa parte desta região, conferindo parcialmente a buscada estratégia A2/AD sobre a região.

De acordo com o CSIS³⁷, isso é um indicativo da estratégia chinesa para toda a região, tendo a Ilha Woody servido como modelo para o que vem sendo buscado nas Ilhas Spratly. Nesse sentido, são instalados radares avançados de longo alcance, sistemas SAM, abrigo para aeronaves, mísseis de cruzeiro antinavio, navios de guerra e submarinos com o objetivo de negar o uso da região ao oponente por mar e ar.

Figura 13 - Equipamentos militares em Woody Island em 2016



Fonte: BBC³⁸

Já o grupo Crescente, é um aglomerado de ilhas com uma porção central marítima profunda. Destacam-se duas ilhas principais: a Ilha Money e a Ilha Duncan.

Ambas as ilhas apresentam modificações evidentes, como vistas na imagem abaixo, mas menos expressivas que a Ilha Woody, por exemplo. As duas são ocupadas, com helipontos e atracadouros, a Ilha Money com um atracadouro pequeno e a Ilha Duncan com um atracadouro de maiores dimensões³⁹. Ambas também contam com instalações e com capacidade de receber equipamentos militares, tais como sistemas SAM, se necessário.

³⁷ Center for Strategic and International Studies

³⁸ BBC, China 'has deployed missiles in South China Sea' – Taiwan <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-35592988>. 17 Feb 2016, Acesso em: 12 Out 2023

³⁹ AMTI, "UPDATE: CHINA'S CONTINUING RECLAMATION IN THE PARACELS", 9 Ago. 2017. Disponível em: < <https://amti.csis.org/paracels-beijings-other-buildup/> > Acesso em: 12 Out 2023

Figura 14- Evolução das Ilhas Duncan (acima) e Money (abaixo)



Fonte: ASIA MARITIME TRANSPARENCY INITIATIVE

Estas ilhas de Parcel, embora reclamadas por Taiwan e Vietnam, têm domínio absoluto da China. Já as Ilhas Spratly, por outro lado, são uma história diferente.

Localizadas fora da ZEE e disputadas por outras nações (Malásia, Vietnã, Filipinas e Taiwan), a presença chinesa nas Ilhas Spratly são ainda mais controversas, o que não tem impedido a China de avançar sobre esta parte Sul do MSC. Para isso, o governo de Pequim tem utilizado o modelo de construções e estruturas montadas nas Ilhas Parcel.

Destacam-se nesta região alguns recifes onde têm sido construídas ilhas artificiais pela China: recife Fiery-Cross, recife Subi, recife Mischief, recife Cuarteron, recife Gaven, recife Hughes e recife Johnson.

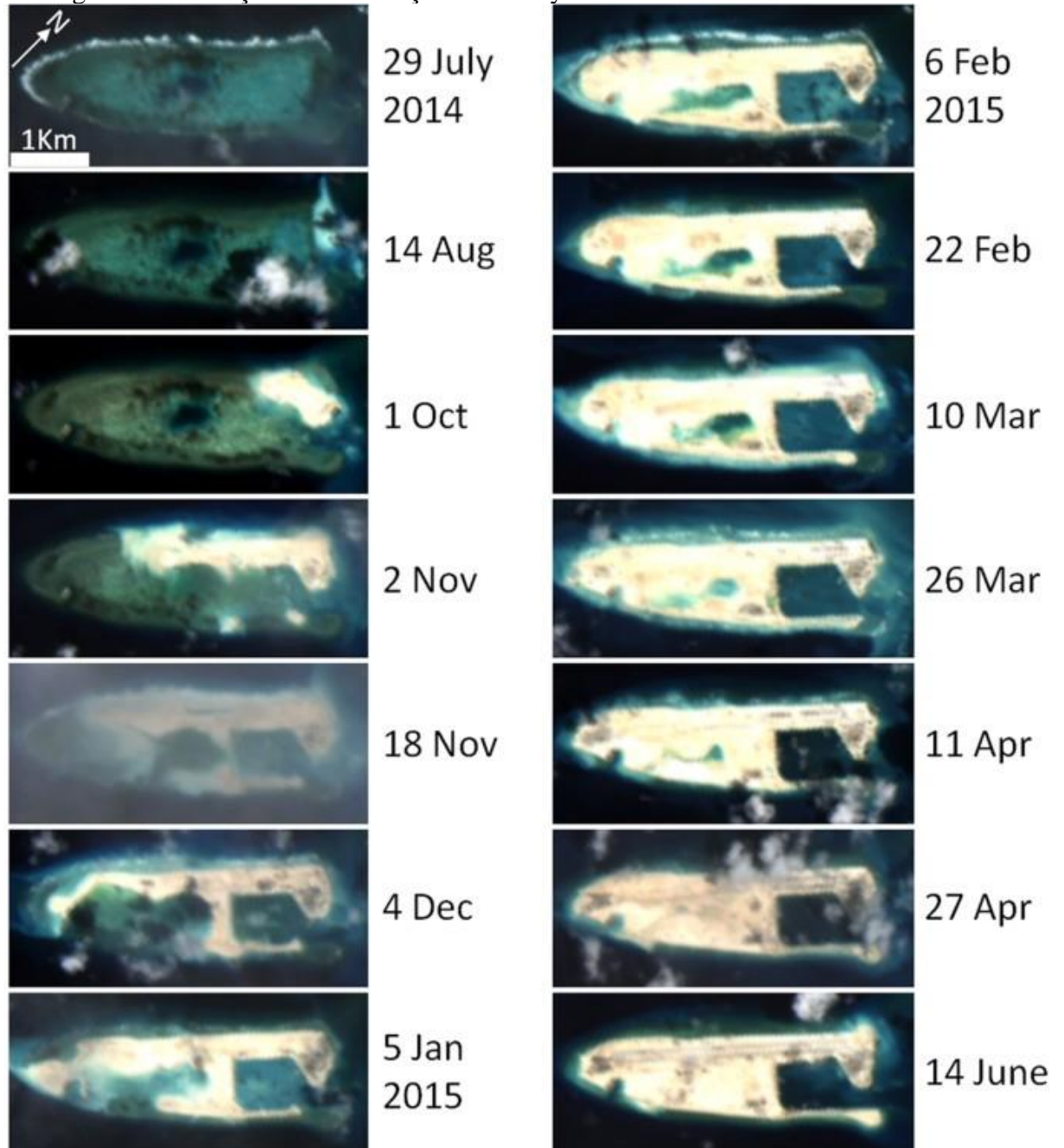
É importante destacar que a construção destas ilhas não é exclusividade da China. Tanto as Filipinas quanto o Vietnã também aterram seus recifes e constroem instalações em suas superfícies. Tal medida é prevista na UNCLOS em seu artigo 60: “Na zona econômica exclusiva, o Estado costeiro terá o direito exclusivo de construir e autorizar e regular a construção, operação e uso de: (a) ilhas artificiais; [...]”.

A ilegalidade está, portanto, em construir essas ilhas artificiais fora de sua ZEE. Parte das Ilhas Spratly estão no interior das ZEE da Malásia, uma pequena parte em Brunei e a maior parte delas nas Filipinas, de modo que suas construções têm algum respaldo legal, diferentemente da China.

Nesse sentido, entre as ilhas da região, uma que se destaca é a Ilha Fiery Cross. Esta ilha é a menor das 3 grandes ilhas artificiais em Spratly, mas foi a que mais teve construções desde 2017⁴⁰.

Abaixo podemos observar a rapidez com que a China constrói suas Ilhas Artificiais:

Figura 15- Evolução das construções em Fiery Cross entre 2014 e 2015



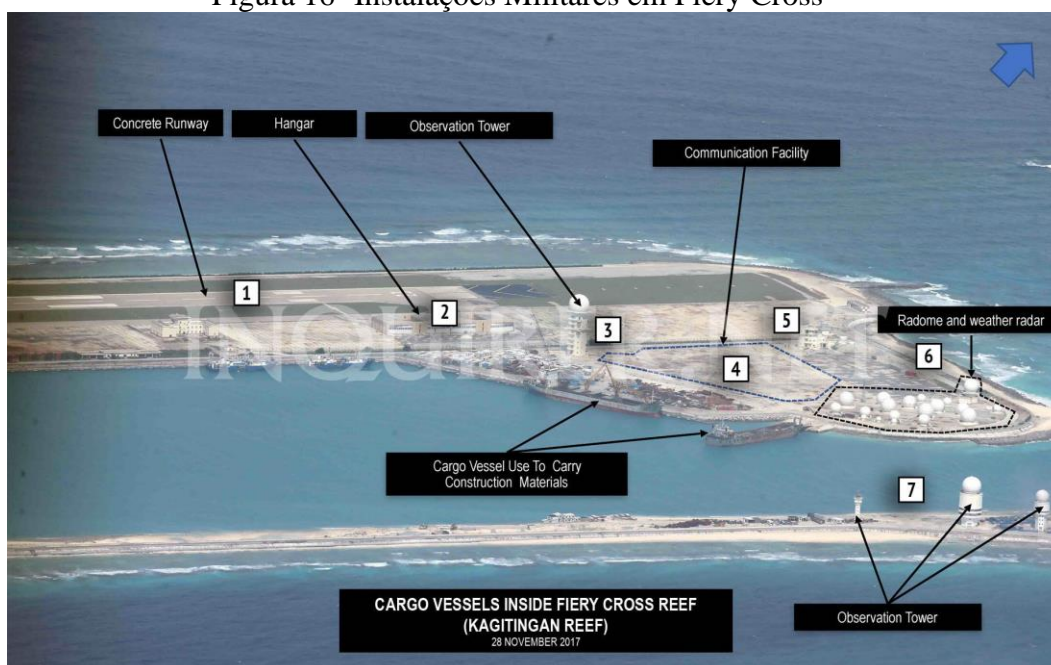
Fonte: BARNES et al.

⁴⁰ AMTI, "Comparing Aerial Satellite Images China's Spratly Outposts", 16 Feb. 2018. Disponível em: <<https://amti.csis.org/comparing-aerial-satellite-images-chinas-spratly-outposts/>> Acesso em: 12 Out 2023

Entre as importantes construções desta ilha (Ver Figura 166) estão, de acordo com o AMTI(Asia Maritime Transparency Initiative) da CSIS(Center for Strategic & International Studies):

- Uma pista de pouso de 3000 pés (Objeto 1 da figura abaixo);
- Torre de comunicação e sensores (Objetos 3 e 5 da figura abaixo);
- Hangar para acomodar 4 aeronaves de combate e hangar para bombardeiros e grandes aeronaves de transporte (Objeto 2 da figura abaixo);
- Um conjunto de radares de alta frequência (Objeto 4 da figura abaixo); e
- Armamentos fixos de defesa antinavio (Objeto 5 da figura abaixo).

Figura 16- Instalações Militares em Fiery Cross



Fonte: ASIA MARITIME TRANSPARENCY INITIATIVE

Outro importante ponto de controle é a ilha artificial construída no recife Subi, a segunda maior ilha artificial construída pela China. Este recife encontra-se mais ao Norte de Fiery Cross e conta com as mesmas estruturas que esta ilha, entre elas: pista de pouso, estruturas de radares e armamentos.

A estrutura semelhante se repete para o recife Mischief, Cuarteron, Gaven, Hughes e Johnson. O recife Mischief, particularmente, tem o agravante de estar ainda mais próximo do litoral da Filipinas, a cerca de 150 milhas, e é a maior ilha artificial construída pela China.

3.2 O Papel das Ilhas do MSC na Estratégia Chinesa

Entender a necessidade de projeção naval sobre o MSC pode ser visto por três fatores: ocupação e soberania, econômico e militar.

A ocupação destas ilhotas e recifes é fundamental para a estratégia chinesa. Com sua posse, a China alcança dois objetivos na região: impedir que sejam ocupados por outra nação e reclamar soberania sobre as ilhas para conquistar a área do Nine Dash Lines.

Assim, ocupar significa manter vivo seu pleito de soberania, enfraquecer o pleito dos demais países e fazê-los se acostumarem com a ideia de soberania chinesa sobre a região.

Em seguida, ocupar aquela região é uma forma de conseguir legitimar o estabelecimento da Nine Dash Line. Do contrário, não haveria maneira com que a China argumentasse o limite marítimo tão avançado sobre o MSC.

Flagrantemente ilegal, as ilhas artificiais, que estão bastante longe da ZEE chinesa, e cuja natureza as impedem de serem classificadas como ilhas pela UNCLOS, são um argumento de soberania fraco e ilegal, mas foi a forma que a China encontrou de legitimar a ampliação de sua ZEE.

O segundo fator é econômico. A região tem riquezas naturais como reservas de petróleo e gás, é importante fonte de alimentação através da pesca e uma das principais rotas comerciais do mundo.

Por último, existe o fator militar. A China utiliza das instalações construídas nestas ilhas para ampliar sua capacidade de A2/AD no MSC e ter controle sobre toda a região, protegendo-se de países opositores e protegendo as riquezas e rotas comerciais que por ali passam.

Com estas motivações percebemos a necessidade da projeção naval na região, que é alcançada em grande parte pelas instalações militares construídas, em especial, nas ilhas Spratly.

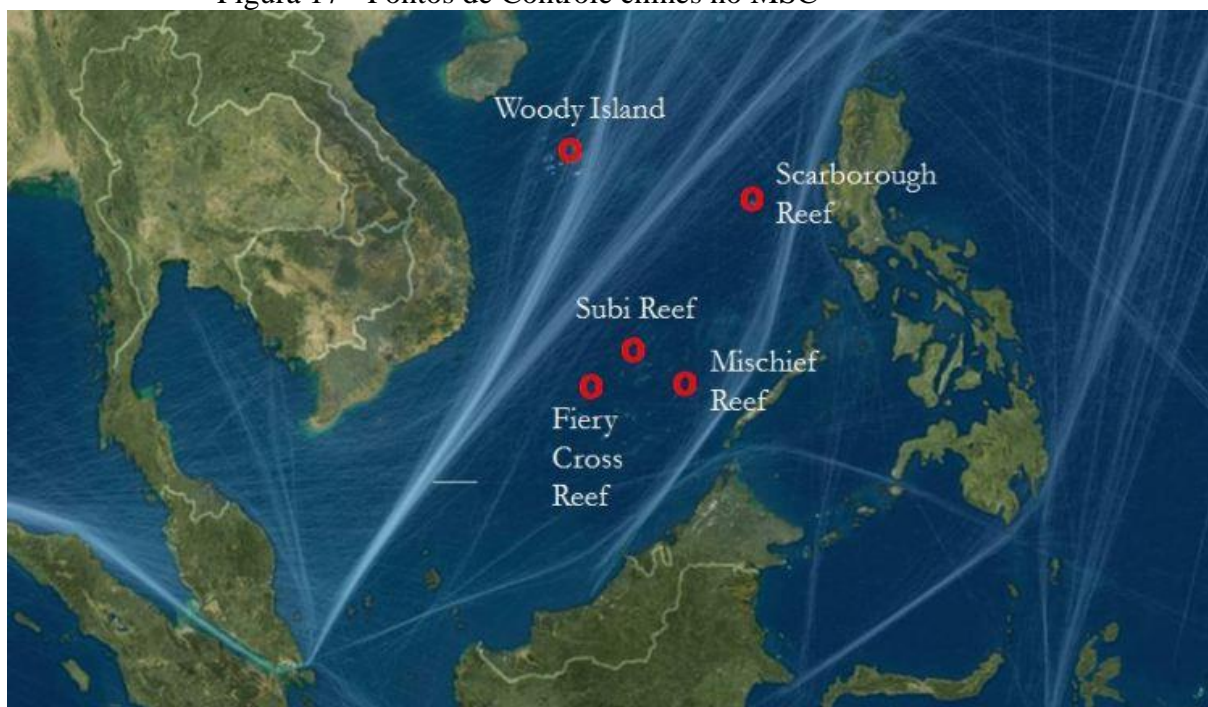
Com as instalações nestas ilhas a China é capaz de projetar seu poder para além do litoral, sendo assim capaz de:

- Fazer o controle aéreo da região com estações de radares instalados nas ilhas;
- Controlar o tráfego marítimo e as embarcações, especialmente, pesqueiras;
- Apoiar suas embarcações da guarda costeira e militares;
- Apoiar aeronaves e ampliar o raio de ação delas;
- Fornecer apoio logístico as suas embarcações e aeronaves;
- Ampliação do raio de ação de seus mísseis superfície-ar;
- Expulsar navios pesqueiros e militares dos países vizinhos; e

- Garantir a segurança de exploração dos recursos naturais.

A projeção naval é assim desenvolvida no sentido de controlar posições estratégicas, desenvolver pontos estratégicos dentro destas posições, estabelecendo pontos de controle (Ver Figura 17), conquistando assim a supremacia terrestre, naval e aérea e conquistar a soberania para si. (HUEVIT, 2016)

Figura 17 - Pontos de Controle chinês no MSC



Fonte: Vuving, Alexander L.

As ilhas têm importante papel, portanto, na estratégia de domínio do MSC, já que formam estruturas militares fortes no meio do MSC. Estas ilhas se tornam pontos de controle que dominam toda a região e permitem a China a expandir suas capacidades militares num raio de ação muito maior.

Com as estruturas nestas ilhas a China construiu um sistema defensivo que somados formam um sistema A2/AD. Eles contam para isso com mísseis balísticos antinavio, mísseis de cruzeiro antinavio, mísseis superfície-ar, navios e submarinos.

Os mísseis balísticos antinavios (ASBM) os quais a China possui são capazes de atingir navios a pequenas e médias distâncias. Um deles o DF-21D consegue atingir alvos a até 1700km. O DF-26 consegue atingir navios da esquadra americana a 3000km, sendo eficaz contra porta-aviões e bases navais. Além disso, conta com mísseis hipersônicos DF-17 e YJ-21 que também são mísseis modernos e difíceis de se opor. (MERANER, 2023)

Os mísseis de cruzeiro antinavio (ASCM) embora com alcance menor que os ASBM, são capazes de alcançar 800km. Eles podem ser lançados tanto de terra quanto do mar em navios e são difíceis de interceptar. Alguns dos modelos que a China dispõe são: YJ-100, YJ-12, and YJ-18. (MERANER, 2023)

Os mísseis superfície-ar (SAM) que a China dispõe são os nacionais e os S-300 e S-400 adquiridos da Rússia. São SAM modernos e de longo alcance que fornecem uma excelente proteção aérea.

Os submarinos, por sua vez, são uma importante peça dessa estratégia A2/AD. Com sua capacidade de se esconder abaixo da superfície terrestre, esses meios permitem manter o sigilo e atuar em toda a região do MSC, especialmente os submarinos de propulsão nuclear.

Na Figura 17 podemos observar a distribuição das ilhas estudadas no MSC, que deixa claro a sua capilaridade no MSC e contribui para o controle de todo aquele mar.

3.3 Implicações da Militarização da Região

As disputas por soberania na região implicam quase todos os países daquela área, sendo uma questão histórica que se arrasta há bastante tempo. Todos têm alegações de direito de soberania sobre áreas diferentes e que muitas vezes se sobrepõem, sendo muito difícil que todos entrem em acordo.

Contudo, a ascensão econômica da China nas últimas décadas, somada a estabilidade que o país tem experimentado tanto internamente quanto nas suas fronteiras permitiu que Pequim voltasse seus olhos para o MSC, opondo de um lado a China e de outro os demais países da região.

Sem o mesmo poderio econômico e militar, os países vizinhos assistiram a China avançar sobre o MSC, muitas vezes sobre suas ZEE, construindo ilhas artificiais e argumentando soberania mesmo que em desacordo com a UNCLOS.

Com isso, tem se observado que a tática de ocupação chinesa tem incomodado seus vizinhos que se sentem ameaçados. Muitos deles também tem buscado ocupação e militarização de suas ilhas na região como resultado.

Os EUA, maior potência global, que desde a 2ª Guerra Mundial tem especial atenção ao pacífico, tem consolidado suas alianças com vários países asiáticos para fazer frente à China, entre eles estão o Japão, a Coreia do Sul, a Austrália e mais especificamente naquela região as Filipinas e o Vietnã.

Nesse sentido, tem se observado que enquanto a China busca a estratégia de ocupação e militarização das suas ilhas para alcançar a estratégia de A2/AD sobre a região, os EUA têm buscado algumas formas de se contrapor a isso, de acordo com Meraner (2023).

Dentre as iniciativas americanas está encorajar os seus aliados a fortalecerem suas capacidades de defesa, fornecendo-lhes sistemas militares modernos e capacidades de contra-ataque para aumentar a reação em caso de conflito na região.

Outro aspecto observado é o aumento da presença militar americana na região. Uma forma é através de exercícios militares e outra através da instalação de novas bases na região, especialmente nas Filipinas.

Já no espectro do comando e controle, existe o investimento na interoperabilidade com os aliados da região, na padronização de equipamentos e procedimentos, na cooperação de pesquisa e cooperação tecnológica e na utilização de equipamentos compatíveis.

Dessa maneira, observa-se uma militarização que opõe de um lado a China e de outro os EUA e seus aliados no MSC. Nenhum dos dois países parece interessado num conflito, mas dão indicações de que se preparam caso ocorra.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou demonstrar o papel que as ilhas artificiais do Mar do Sul da China têm na estratégia de defesa chinesa. Para isso, no primeiro capítulo, iniciou contextualizando a região do MSC de forma a permitir o entendimento das disputas de soberania que motivam a militarização da região, dos interesses econômicos e militares observados naquela área, bem como das vantagens estratégicas que o domínio dela fornece ao país dominante. Por fim, definiu-se onde estão as ilhas artificiais e quais são as ilhas mais importantes da região.

Foi possível compreender que a região é composta por uma vasta rede de ilhas, atóis, recifes e bancos de areia que tornam complexas as relações de soberania. Cada um dos países da região alega razões diferentes para pleitearem a soberania e não há um consenso sobre os limites marítimos.

Embora a UNCLOS estabeleça as ZEE a partir das 200 milhas do litoral, mesmo os países signatários como a China, descumprem o que foi estabelecido, tornando complexo uma solução. Com isso, verifica-se que há uma corrida para ocupação e militarização das ilhas, na tentativa de controlar e impedir o uso por outras nações.

Foi identificado que na região temos dois importantes arquipélagos. Um mais a Norte entre a China, Filipinas e Vietnã que são as Ilhas Paracel e outro mais a Sul próximo a Filipinas, Brunei e Malásia chamado de Ilhas Spratly.

Viu-se que as Ilhas Paracel são fruto de embate entre Taiwan, China e Vietnã, mas que estão dominadas pelos chineses que têm construído grandes instalações, especialmente na Ilha Woody, maior e mais habitada Ilha da região.

Por outro lado, as Ilhas Spratly, são motivo de disputa entre Malásia, Filipinas, China, Vietnã e até Taiwan, sem que haja um consenso sobre quem tem soberania sobre a região.

Dada a dimensão das ilhas nesta região, para que haja sua ocupação e instalações militares em sua superfície, tem se optado por aterrar e formá-las a partir de recifes ou pequena ilhotas.

Ficou demonstrado que a região oferece vantagens econômicas desde a pesca até a exploração do petróleo e controle da rota comercial em seu interior, uma das mais importantes do mundo.

Também pode-se perceber que o domínio da região oferece uma vantagem militar muito grande à medida que projeta o poder terrestre para o mar e permite estabelecer uma proteção territorial avançada, além de garantir o escoamento das mercadorias dos países da região.

Neste sentido, demonstrou-se que embora importante para a China, o MSC mostra-se ainda mais essencial para os demais países da região que dependem quase que exclusivamente

daquela região, seja para a segurança alimentar de sua população, seja para o fluxo de suas mercadorias pelo mar.

O segundo capítulo seguiu fornecendo uma base teórica. Desta vez sobre a estratégia de defesa da China, que devido às características políticas do país, é de difícil interpretação.

Utilizou-se para isso como base um conjunto de bibliografias que esclarecem como a estratégia chinesa é estabelecida e como foi a evolução dela até os dias de hoje.

Com isso, evidenciou-se que a China sempre teve uma postura declaradamente defensiva e que ao longo dos anos teve que aperfeiçoar sua doutrina e estratégia sabendo que o oponente era sempre mais forte, devendo utilizar de forma cuidadosa e mais assertiva que os oponentes os recursos para investimento em defesa.

Ao longo dos períodos desde os anos 50 a China mudou sua estratégia de acordo com os conflitos globais, aprendendo com eles e se preparando para o que imaginava ser a guerra do futuro.

Não só os conflitos mudavam, mas também seus prováveis opositores. Com isso, a estratégia também era alterada. Inicialmente temia-se uma ameaça dos EUA, depois da URSS, depois a defesa ficou voltada a questões internas contra dissidentes do partido e por fim voltada a conflitos irregulares. Ou seja, sempre em constante mudança e preparando-se para a próxima guerra.

Com isso, observou-se que a mais recente estratégia foi estabelecida em 1993, que sofreu pequenas alterações até a estratégia atual. Nesta estratégia, a China projeta uma capacidade militar naval e aérea mais fortes que no passado, deixando de ser um país dependente do exército. Neste contexto o MSC torna-se um dos focos da defesa chinesa, fazendo com que a Marinha receba muitos investimentos em modernização de seus equipamentos, de sua doutrina e de sua capacidade de projeção naval.

Para realizar esta expansão marítima, de acordo com a ideia proposta por Liu Huaqing, a China deveria progressivamente dominar a primeira cadeia de ilhas, para então dominar a segunda cadeia para, por fim, em 2050, ter uma marinha de águas azuis que conseguisse operar globalmente.

Ao fim desse capítulo, ficou demonstrado que o MSC desempenha um papel relevante na estratégia de defesa chinesa, relacionando com isso os dois temas anteriores: MSC e a estratégia de defesa chinesa.

O terceiro e último capítulo, assim, aproveita-se da intercessão dos dois capítulos anteriores e evidencia o protagonismo que as ilhas, em especial as artificiais, têm para o sucesso

dessa estratégia no MSC, reforçando a projeção naval neste mar e os sistemas A2/AD chineses, bem como a resposta americana e dos vizinhos chineses na região.

Demonstrou-se como a China equipa suas ilhas, com ênfase nas ilhas artificiais em Spratly. É importante destacar que a China baseou essas instalações no modelo anteriormente implementado na Ilha Woody, em Paracel. Essas instalações fazem parte de um conceito de pontos de controle no Mar do Sul da China, que, quando combinados, conferem à China um domínio sobre o ar e o mar na região.

Por fim, compreendeu-se como os países vizinhos e os Estados Unidos têm se posicionado contra a expansão da China na região, fortalecendo suas defesas e cooperação militar, preparando-se para a possibilidade de operar em conjunto em um eventual conflito com a China, de modo a se contrapor à estratégia A2/AD chinesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CHINA E A POLÍTICA INTERNACIONAL, [S. l.], jun. 2013. **RELAÇÕES INTERNACIONAIS**, **UEPG**, p. 23-33. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>. Acesso em: 7 out. 2023.

AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz; FAKHOURY, Renato Matheus Mendes. Mar do Sul da China: um histórico de disputas. **Revista de História Regional**, [s. l.], 2019. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>. Acesso em: 7 out. 2023.

“US gets new Philippine bases with South China Sea, Taiwan in mind”, **AlJazeera**, 22 Mar. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/3/22/us-gets-new-philippine-bases-with-south-china-sea-taiwan-in-mind#:~:text=The%20US%20has%20committed%20%2480,Lumbia%20Air%20Base%20in%20Mindanao./> Acesso em: 07 Out 2023

“Comparing Aerial Satellite Images China`s Spratly Outputs”, **AMTI**, 16 Fev. 2018. Disponível em: < <https://amti.csis.org/comparing-aerial-satellite-images-chinas-spratly-outposts/> > Acesso em: 12 Out 2023

“UPDATE: CHINA’S CONTINUING RECLAMATION IN THE PARACELS”. **AMTI**, 9 Ago. 2017. Disponível em: < <https://amti.csis.org/paracels-beijings-other-buildup/> > Acesso em: 12 Out 2023

BARNES, B., Hu, C. **Island building in the South China Sea**: detection of turbidity plumes and artificial islands using Landsat and MODIS data. *Sci Rep* **6**, 33194 (2016). <https://doi.org/10.1038/srep33194>

China 'has deployed missiles in South China Sea'. **BBC**, – Taiwan <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-35592988>. 17 Fev 2016, Acesso em: 12 Out 2023

CARRIÇO, Alexandre. Grande estratégia e o «sonho da China» de Xi Jinping.

ELLEMAN, Bruce a.; KOTKIN, Stephen; SCHOFIELD, Clive. **Beijing’s Power and China’s Borders**: Twenty neighbors in Asia. New York: M.E.Sharpe, 2013. 392 p.

2nd Pilot Blames U.S. Crew For Mishap. **CBS NEWS**, 6 Abr. 2001 Disponível em: < <https://www.cbsnews.com/news/2nd-pilot-blames-us-crew-for-mishap/>> . Acesso em: 14 Set.2023

Paracel Islands. World Factbook. Washington. **CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY** (CIA), 05 Set. 2023. Disponível em: < <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/paracel-islands/>>. Acesso em: 12 Set. 2023

Spratly Islands. World Factbook. Washington. **CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY** (CIA), 05 Set. 2023. Disponível em: <<https://www.cia.gov/the-world-factbook/about/archives/2021/countries/spratly-islands/>>. Acesso em: 12 Set. 2023

How Much Trade Transits the South China Sea?. **CHINA POWER**, 2016. Disponível em: < <https://chinapower.csis.org/much-trade-transits-south-china-sea/>>. Acesso em: 18 Set 2023

"How is China Modernizing its Navy?" **CHINA POWER**. 17 Dez. 2018. Disponível em: <<https://chinapower.csis.org/china-naval-modernization/>>. Acesso em: 18 Set 2023

FRAVEL, M. Taylor. **Active Defense: China's Military Strategy since 1949**. Princeton: PRINCETON UNIVERSITY PRESS, 2019. 535 p.

FRAVEL, M. TAYLOR. China's Strategy in the South China Sea. **Contemporary Southeast Asia**, [s. l.], v. 33, n. 3, 2011.

FRIEDE, Reis. COLAR DE PÉROLAS: A ESTRATÉGIA CHINESA PARA DOMINAR O MAR DO SUL DA CHINA (MSC) E A REGIÃO DO OCEANO ÍNDICO (ROI). **LexCult**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 2019.

HAYTON, Bill. **The South China Sea: The Struggle For Power in Asia**. Yale: Yale University Press, 2014. 417 p.

HEATH, Timothy R. Chinese Political and Military Thinking Regarding Taiwan and East and South China Seas. **RAND Corporation**, [s. l.], 10 out. 2023. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/testimonies/CT470.html>. Acesso em: 5 out. 2023.

JAPAN MINISTRY OF DEFENSE. **China's Activities in the South China Sea**: China's development activities on the features and trends in related countries. Japão, 2023. Disponível em: https://www.mod.go.jp/en/d_act/sec_env/pdf/ch_d-act_b.pdf. Acesso em: 7 out. 2023

JENNER, C. j. Conclusion: history, strategy and the South China Sea. *In*: JENNER, C. J.; THUY, TRAN TRUONG (ed.). **THE SOUTH CHINA SEA: A CRUCIBLE OF REGIONAL COOPERATION OR CONFLICT- MAKING SOVEREIGNTY CLAIMS?**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

JÚNIOR, Helvécio de Jesus; GODINHO, Natalia Virginia Rodrigues. A MODERNIZAÇÃO NAVAL CHINESA E AS IMPLICAÇÕES NO MAR DO SUL DA CHINA. **R. Esc. Guerra Nav**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, 2019.

KE, C. et al.: **Fisheries ecological environment in South China Sea**. 19 Ago. 2022 Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fenvs.2022.981443/full>> Acesso em: 18 Set 2023

LONDON B., Gan N. “Fujian”: China apresenta seu terceiro e mais avançado porta-aviões, Jun. 2022. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/fujian-china-apresenta-seu-terceiro-e-mais-avancado-porta-avioes/>> Acesso em: 25 Set 2023

LIMA, Leticia Cordeiro Simões de Moraes. Conflitos no Mar do Sul da China: o que o Brasil tem a ver com isso? **NEIBA: SimpoRI 2018**, Washington, v. VII, 2018.

MACHADO, Luís Rodrigo; BRANCHER, Pedro Txai; NUNES, Raul Cavedon; DUARTE, Bruno Kern. ELEMENTOS DA MODERNIZAÇÃO NAVAL CHINESA: A POLÍTICA DE DEFESA E A DOCTRINA NAVAL SOB A LUZ DE SEUS DESAFIOS ESTRATÉGICOS. **CONJUNTURAL ASTRAL**: Journal of the Global South, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 2019.

MCCASLIN, IanBurns; ERICKSON, Andrew S. The Impacts of Xi-Era Reforms on the Chinese Navy. **Chairman Xi Remakes the PLA: ASSESSING CHINESE MILITARY REFORMS**, Washington, 2019.

MCGILLIS, Jordan. Oil, Gas, and the South China Sea: How China's Energy Expansionism Threatens a Free and Open Indo-Pacific. **Institute For Energy Research**, [s. l.], Out. 2021.

MERANER, F., China's Anti-Access/Area-Denial Strategy. **The Defence Horizon**, Disponível em: <https://www.thedefencehorizon.org/post/china-a2ad-strategy> Acesso em: 09 fev 2023

China's Activities in the South China Sea. **Ministério da Defesa Japonês**, Ago. 2013 Disponível em:<https://www.mod.go.jp/en/d_act/sec_env/pdf/ch_d-act_b.pdf> Acesso em: 17 Ago 2023

NEWDICK, T. China Is Building A Runway On Its Closest Island Outpost To Vietnam. **The Drive**, 15 Ago. 2023 Disponível em:<<https://www.thedrive.com/the-war-zone/runway-being-built-on-chinas-closest-island-outpost-to-vietnam>>Acesso em: 15 Ago 2023

United Nations Convention on the Law of the Sea. **UNCLOS**, [s. l.], 1982. Disponível em: https://www.un.org/depts/los/convention_agreements/texts/unclos/unclos_e.pdf. Acesso em: 27 jul. 2023.

Ornelas, T. China's Active Defense Military Strategy, **MCA MARINES**, Out. 2021. Disponível em: < <https://www.mca-marines.org/wp-content/uploads/57-Chinas-Active-Defense-Military-Strategy.pdf>> Acesso em: 28 Ago 2023

PINOTTI, Talita. CHINA E VIETNÃ NO MAR DO SUL DA CHINA: DISPUTAS E QUESTÕES ESTRATÉGICAS. **Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, Washington, v. 4, n. 8, 2015.

Qiu, Z. The "Civilization" of China's Military Presence in the South China Sea. **The Diplomat**, 21 Jan. 2017 Disponível em: <<https://thediplomat.com/2017/01/the-civilization-of-chinas-military-presence-in-the-south-china-sea/>>.Acesso em: 07 Ago 2023

“Filipinas reagem a disputa marítima e convocam embaixador da China. **Reuters e AFP**, 7 Ago. 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/08/filipinas-reagem-a-disputa-maritima-e-convocam-embaixador-da-china.shtml/>> Acesso em: 05 Out 2023

SEVERINO, Rodolfo c. Global issues and national interests in the South China Sea. *In*: JENNER, C. J.; THUY, TRAN TRUONG (ed.). **THE SOUTH CHINA SEA: A CRUCIBLE OF REGIONAL COOPERATION OR CONFLICT- MAKING SOVEREIGNTY CLAIMS?**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

STRATING, B. China`s nine-dash line proves stranger than fiction. **The Interpreter**, 12 Abr. 2022. Disponível em: "<<https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/china-s-nine-dash-line-proves-stranger-fiction>>. Acesso em: 7 Ago. 2023

THAYER, Carlyle a. China`s naval modernization and US strategic rebalancing: implications for stability in the South China Sea. *In*: JENNER, C. J.; THUY, TRAN TRUONG (ed.). **THE SOUTH CHINA SEA: A CRUCIBLE OF REGIONAL COOPERATION OR CONFLICT- MAKING SOVEREIGNTY CLAIMS?**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

The State Council Information Office of the People's Republic of China, **China Mil**, Maio 2015. Disponível em: <<http://eng.chinamil.com.cn/DOCUMENTSPUBLICATIONS/10053010.html>> Acesso em: 28 Ago 2023

Tiezzi S. Taiwan: South China Sea Ruling ‘Completely Unacceptable’. **The diplomat**, 13 Jul 2023. Disponível em: < <https://thediplomat.com/2016/07/taiwan-south-china-sea-ruling-completely--unacceptable>>. Acesso em: 12 Set. 2023

TILL, Geoffrey. The global significance of the South China Sea disputes. *In*: JENNER, C. J.; THUY, TRAN TRUONG (ed.). **THE SOUTH CHINA SEA: A CRUCIBLE OF REGIONAL COOPERATION OR CONFLICT- MAKING SOVEREIGNTY CLAIMS?**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

TSENG, Hui-Yi Katherine. The South China Sea Dispute: Regional Integration, Status 179 Ad Quem, and Singapore`s Position. *In*: HOULDEN, GORDON; ROMANIUK, SCOTT N.;

HONG, NONG. **THE SOUTH CHINA SEA: CROSS-NATIONAL PERSPECTIVES**. Bristol: Bristol University Press, 2021. cap. 9, p. 179 - 192.

UNCLOS. CONVENÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O DIREITO DO MAR, (1982).
ONU, Disponível em:
 “<https://www.un.org/depts/los/convention_agreements/texts/unclos/unclos_e.pdf >”. Acesso em: 8 Ago. 2023

U.S. Energy Information Administration: **WORLD OIL TRANSIT CHOKEPOINTS**. **EIA**, 25 Jul. 2017 Disponível em: < https://www.eia.gov/international/analysis/special-topics/World_Oil_Transit_Chokepoints/ > . Acesso em: 14 Set. 2023

VALENCIA, Mark j. The South China Sea and the “Thucydides trap”. *In*: JENNER, C. J.; THUY, TRAN TRUONG (ed.). **THE SOUTH CHINA SEA: A CRUCIBLE OF REGIONAL COOPERATION OR CONFLICT- MAKING SOVEREIGNTY CLAIMS?**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

VUVING, ALEXANDER L. South China Sea Strategies: Determining China’s Next Move in the Region. **IAPD FORUM**, [s. l.], 2016. Disponível em: https://maritimearchives.files.wordpress.com/2017/01/south_china_sea_strategies_determining_c.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

Wang, B. Missiles and planes make China’s South China Sea Island bases an effective update of the Maginot Line, **Next Big Future**, 21 Abr 2018 Disponível em: < <https://www.nextbigfuture.com/2018/04/missiles-and-planes-make-chinas-south-china-sea-island-bases-an-effective-update-of-the-maginot-line.html> > Acesso em: 06 Out 2023

THE TOP 50 CONTAINER PORTS. **World Shipping Council**, 2021 Disponível em:< <https://www.worldshipping.org/top-50-ports> >. Acesso em: 14 Set 2023